

A Palavra a Quem Produz e Acompanha os Meios de Comunicação Escolares

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.4>

Sara Pereira

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-9978-3847>
sarapereira@ics.uminho.pt

Joana Fillol

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-8577-7809>
joanafillol@gmail.com

Daniel Brandão

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-6331-0354>
danielbrandao@ics.uminho.pt

De norte a sul do país, passando pelos Açores e pela Madeira, ouvimos, escola a escola, alunos e professores de nove jornais, duas rádios e uma televisão. Conversámos, também, com as coordenadoras do projeto *Público na Escola (PnE)* para obter uma visão de conjunto. Neste texto, colocamos os vários atores em diálogo, para falarem das suas experiências e aconselharem quem pensa aventurar-se no jornalismo escolar¹.

“Como descrever?! Ele é audaz, um bocadinho irónico, um bocadinho cómico...”. Sentada na sala de trabalhos oficinais da Escola Vitorino Nemésio, na ilha Terceira (Açores), Ana Beatriz Pereira, 16 anos, fala do *Se Bem Nos Lembramos*² quase como se ele fosse uma

¹ Sara Pereira e Joana Fillol (entrevistas e texto) e Daniel Brandão (fotografias e simulações visuais).

² https://www.instagram.com/jornal_sbn/.

pessoa, com personalidade própria – e bem vincada. Mas não. É sobre o jornal que ela própria dirige desde 2018, quando andava apenas no 9.º ano, que está a falar, tentando descrevê-lo de forma rigorosa. O *Se Bem Nos Lembramos* – nome adaptado do programa que o poeta açoriano Vitorino Nemésio teve na RTP entre 1970 e 1975 – parece ser o reflexo do que é, muitas vezes, visto como um dos traços de carácter mais marcantes da juventude: a irreverência.

Ele, o jornal, “é um desafio às convenções, é um desafio àquilo que querem que nós façamos”, assume Ana Beatriz, postura firme, segurança invulgar para a idade, deixando transparecer um certo orgulho no que acaba de dizer. “O facto é que as pessoas na escola, os professores não gostavam do jornal. Nós não éramos bem recebidos quando pedíamos alguma coisa”, prossegue. E, de novo, esta sua convicção, mais do que incómodo, parece provocar-lhe um certo gozo. Não é só a ela.

Beatriz Silveira e Leonor Carvalho (Figura 1), ambas de 16 anos, também escrevem para o *Se Bem Nos Lembramos* e apresentam o mesmo ar divertido e rebelde quando, noutro momento, nos respondem à pergunta sobre se têm a colaboração de professores na elaboração do jornal. Explicam ter uma professora que corrige e revê os trabalhos, mas – frisam bem – a decisão final é sempre dos alunos: “nós já tivemos artigos que poderiam ser considerados mais polémicos (...) como um sobre beleza. Tinha quatro páginas e ficou reduzido a dois parágrafos. [A professora] pôs um risco gigante em cima das páginas e nós... ignorámos o risco e metemos na mesma”, contam e terminam as duas a rir-se descontraidamente nas cadeiras em que estão sentadas. O episódio espelha o que Ana Beatriz já tinha dito anteriormente – “o jornal é totalmente dos alunos”.



Figura 1

Aluna colaboradora do *Se Bem Nos Lembramos* lê o Número 22 deste jornal.

Créditos. Daniel Brandão

A Exceção que Confirma a Regra

Ser “totalmente dos alunos” torna o *Se Bem Nos Lembramos* um caso muito especial no panorama nacional e já lhe valeu mais do que um prémio no concurso de jornais escolares do *PnE*, do jornal *Público* – um projeto antigo, relançado em 2019. Não é tão comum assim encontrarem-se meios de comunicação de âmbito escolar dirigidos por alunos. Dados concretos, no entanto, não existem. Nem é possível saber quantos meios de comunicação escolares há hoje em Portugal. Calcula-se que sejam mais do que uma centena, já que, entre 2013 e 2018, a Direção-Geral da Educação foi fazendo um registo dos jornais e revistas escolares e contabilizou – sem incluir rádios e televisões – mais de 350 projetos. Ao longo desses cinco anos, nem todos terão coexistido no tempo. Mas a listagem, ainda disponível online, permitiu dar conta da diversidade existente nos jornais escolares nacionais: são de todos os níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário; impressos, digitais, fotocopiados e de parede; de turma, de escola ou de agrupamento; generalistas ou temáticos.

Bárbara Simões e Luísa Gonçalves, as duas coordenadoras do projeto *PnE*, do jornal *Público*, conhecem bem a realidade do jornalismo escolar e estão de acordo com a “diversidade enorme” de jornais que existe a este nível. Concordam, também, que jornais dirigidos por alunos, embora existam, estão muito longe de ser a regra. “Na maior parte [dos casos], há ali um professor, uma professora, muito empenhado que põe aquilo a andar”, nota Bárbara Simões, jornalista, acrescentando que “depois, há sempre uns alunos que são *pivots*, estão mais ligados”. Luísa Gonçalves, professora do 1.º ciclo destacada pelo Ministério da Educação para o *PnE*, revela que, na avaliação dos jornais participantes no Concurso Nacional de Jornais Escolares³, o critério com mais ponderação é precisamente “o envolvimento dos alunos no processo”, notando que “felizmente” começa a haver cada vez mais jornais com uma participação significativa das crianças e dos jovens. E isso, como observa, faz a diferença: neste tipo de jornais “há um questionamento, um pensar fora da caixa, alguma irreverência, que faz parte e que, muitas vezes, é filtrada [nos jornais em que o envolvimento dos alunos não é tão grande]”.

Se estivesse a ouvir Luísa Gonçalves, Catarina Costa, 15 anos, também jornalista do *Se Bem Nos Lembramos*, concordaria certamente. Quando lhe perguntamos qual é a mais-valia de integrar um projeto de alunos para alunos responde de imediato: “a questão dos limites”. Refere-se aos que são impostos pelos professores: “quando estão por dentro do jornal, há sempre a tendência – principalmente se forem professores de Português – de quererem seguir a estrutura da disciplina”. Está convencida de que se houvesse professores na direção do jornal “iriam querer impor regras de escrita”, por exemplo. Para ela, que até já publicou um livro, escrever para o jornal tem-na ajudado imenso: “nas aulas temos sempre os tais limites e isso não nos permite

3 O Concurso Nacional de Jornais Escolares é apenas uma das vertentes do projeto *Público na Escola*, que estimula e apoia a criação destes meios nas escolas, realizando, além do concurso, formação de professores, *workshops* com alunos e lançando desafios vários, que vão de prémios a planos de aulas, onde se propõe a abordagem da atualidade e de domínios da literacia mediática em contexto escolar.

desenvolver”, pensa. No *Se Bem Nos Lembramos* – recorda agora Ana Beatriz – nem sequer há limite de palavras, mínimo ou máximo.

Com os temas acontece mais ou menos o mesmo. Apesar de cada edição ter um tema definido, que funciona mais como “uma orientação, para tentar criar uma linha de pensamento no jornal todo” – explica Ana Beatriz, a pessoa geralmente responsável por essa escolha –, é dada liberdade à equipa, hoje composta por 30 alunos e alunas. “Quem quiser fazer alguma coisa que dê o primeiro passo e nos venha dizer ‘olha, eu gostava de fazer um texto sobre isto, isto e aquilo’. Ou ‘eu gostava de fazer um poema’, ou ‘gostava de fazer um desenho para publicar’”, diz Ana Borges, 17 anos, a coordenadora executiva, que se apresenta como sendo “o braço direito” de Ana Beatriz. Quando ninguém dá esse passo – nas reuniões que costumam organizar periodicamente ou nos canais digitais que têm para comunicar –, a direção do jornal define tarefas e um prazo de entrega. Mas quem não pertence à equipa também pode colaborar – o email do jornal está exposto nos corredores, em jeito de convite à participação. E esse convite não se cinge, na verdade, a quem estuda ou trabalha na escola. O pai da Leonor Carvalho, por exemplo, já colaborou – escreveu uma crítica do filme *Back to the Future* (De Volta Para o Futuro). Há um professor de História de outra escola da ilha, a Francisco Ferreira Drummond, que tem uma rubrica no *Se Bem Nos Lembramos*. Beatriz Silveira diz que as colaborações extra equipa são “uma maneira de deixar o jornal mais diverso e com mais conhecimento”.

“Os Professores Organizam o que Temos que Fazer em Caixinhas”

Para se ter uma ideia, o *caos* e a *alienação* são dois exemplos de tópicos que serviram de bússola a números recentes do *Se Bem Nos Lembramos*. Para descrever as temáticas no seu conjunto, Ana Beatriz exclama “muita filosofia! Muita filosofia! Muita política também!”. Folheando o jornal, encontra-se atualidade, notícias da escola, arte (fotografia, desenho, imagem digital...), entrevistas, escrita criativa, artigos de opinião, recomendações de livros e música.

A paginação do jornal também está dentro da disrupção de que Luísa Gonçalves falava (Figura 2). Beatriz Silveira, uma das responsáveis pelo design, define-o como “a criatividade extrema”, “muito minimalista, mas sempre fora daquilo que é associado a um jornal tradicional. E [com] cores vivas”. Está no 11.º ano no curso de Artes e não tem dúvidas de que evoluiu “imenso” em termos de design graças ao trabalho no jornal. Mas refere outros progressos: “aprendemos não só a trabalhar em equipa, como a ganhar liberdade de nos expressarmos facilmente com um grupo de pessoas e de publicarmos os nossos pensamentos”.

São estes pensamentos e inquietações dos alunos que Luísa Gonçalves gosta de encontrar nos jornais que avalia enquanto membro do júri do concurso do *Público*, porque é de opinião que “os alunos não têm grande espaço para se manifestarem e, quando têm, é porque são solicitados”. Para ela, é muito diferente haver alunos a

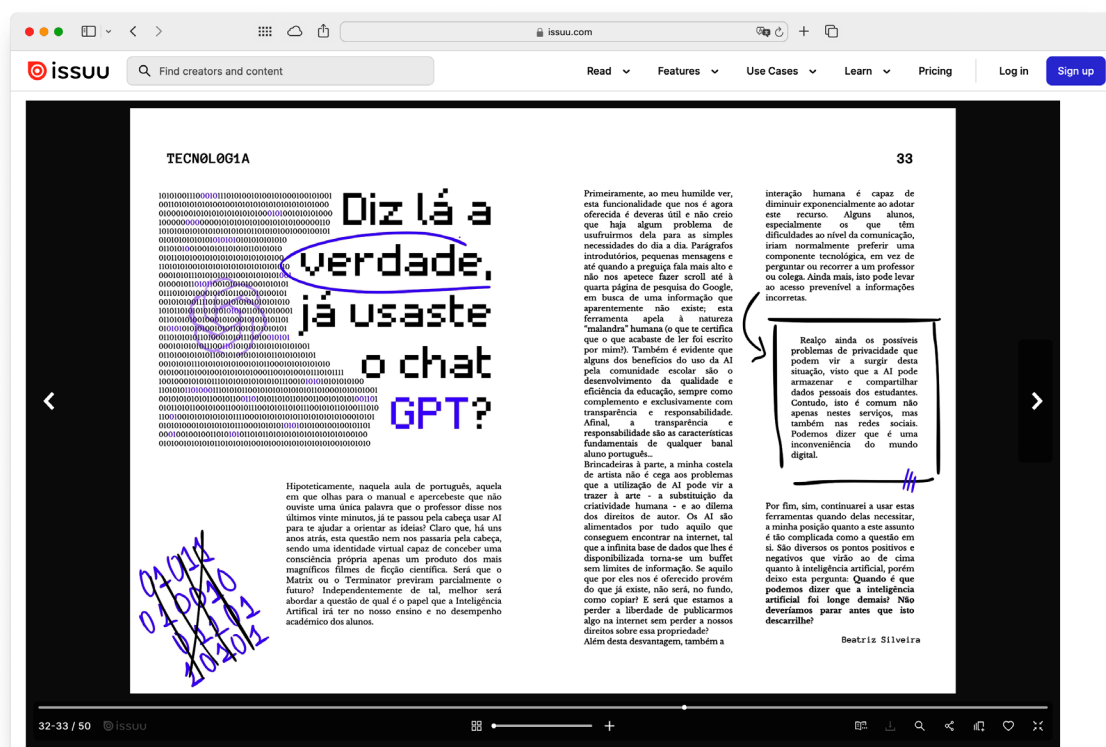


Figura 2
Captura de ecrã de um artigo do Se Bem Nos Lembramos disponível na plataforma issuu.com. Créditos: <https://issuu.com/jornalsbntl>

expressarem-se de forma espontânea ou “haver sempre um adulto que acha que sabe aquilo que preocupa [os alunos]”. Do seu ponto de vista, também não faz sentido que um jornal escolar seja feito de trabalhos de alunos que não os escreveram propositalmente para esse fim. E isso é algo que vê acontecer com frequência. Muitas vezes, os jornais escolares são elaborados como uma “coletânea de trabalhos” – afirma – com professores que, “quando chega a altura da publicação andam a perguntar pelas salas quem tem trabalhos para o jornal”. Este procedimento leva, desde logo, a que não se proporcione aos alunos um conjunto de aprendizagens e o desenvolvimento de competências de literacia mediática, que, para Luísa, o verdadeiro envolvimento num jornal escolar permite. Aponta uma série de exemplos:

a ligação à atualidade, a discussão dos grandes temas e ouvir os alunos sobre esses temas, a articulação dos vários saberes, a questão de desenvolverem cidadanias mais ativas, de se sentirem responsabilizados naquilo que fazem, o pensamento crítico, a criatividade para responder a desafios novos com soluções novas, lidar com o grande fenómeno da desinformação.

Esta coordenadora do *PnE* está convencida de que estas são capacidades e competências que são mobilizadas pelos jornais escolares, por

um aluno que esteja envolvido numa equipa, que consiga fazer as suas opções, que consiga fazer escolhas, que perceba o que é uma notícia, o que é uma reportagem, o que é uma entrevista, que perceba como é que se constrói a informação, o que está por detrás disso, o que é uma linha editorial, o que é que

está na agenda dos *media*, porque é que acontece a mesma coisa no mundo e um jornal dá destaque a uma coisa em detrimento doutra.

Talvez não seja excessivo especular que, para Luísa, o jornal escolar ideal não andaria muito longe do *Se Bem Nos Lembramos*. Afinal, para esta coordenadora do *PnE*, um tal jornal seria aquele “em que se vê que os miúdos são verdadeiramente livres, têm os professores a ajudá-los a ter responsabilidade nessa liberdade”, o jornal onde até pode haver “erros” e o produto final não ser “tão interessante, tão arrumadinho, tão bonitinho”, mas onde se vê, e se sente, que o jornal “é deles”, dos alunos, e que os alunos “são postos no centro” e vistos como “os agentes principais da escola”.

Qualquer uma das alunas entrevistadas tem uma lista de competências que o *Se Bem Nos Lembramos* ajudou a desenvolver. Ana Beatriz acha que a regra é “quanto mais envolvimento no jornal, mais se aprende, mais se faz, porque mais se tem que decidir fazer de uma maneira específica. Tem que ser intencional”. Para a aluna, que soma à capacidade de iniciativa o espírito crítico, isso é algo que falta na escola: “os professores organizam o que temos que fazer em caixinhas. E isso retira-nos a escolha, torna as coisas até mais fáceis, mais acríicas”, condena. Ana Borges considera que o envolvimento no jornal lhe permitiu desenvolver três aspetos em particular – a criatividade, a mente aberta e o interesse pela atualidade. Avalia:

quando fazemos a edição do jornal, lemos os artigos que foram feitos e vamos procurar cada vez mais informação que saiu nas notícias. Ficamos mais alerta para o que se está a passar e isso fez-me querer saber mais do que se passa no mundo, abrir mais os olhos.

Liberdade Acima de Tudo

Bem vistas as coisas, também se poderia pensar que as palavras de Luísa sobre o jornal escolar ideal estariam a descrever outros casos, como o do jornal digital *Comunica*, do Agrupamento de Escolas do Freixo (concelho de Ponte de Lima), também já distinguido pelo *PnE*.

O professor de Português António Paiva, que teve a ideia de criar o projeto e conseguiu, desde a primeira hora, cativar vários colegas de escola a juntarem-se a ele, confessa que o jornalismo que fazem talvez não seja o que gostariam de fazer: “gostaríamos de fazer um outro tipo de jornalismo, se calhar com artigos mais profundos, mais longos. Mas são opções que temos de tomar”. E a opção que tomaram foi, como explica, a seu lado, a professora de Educação Moral e Religiosa, e também coordenadora do jornal, Cristina Rodrigues, “deixar os alunos à vontade, trabalhar naquilo que gostam” e no formato em que se pretenderem expressar, seja “por vídeo, por texto, por poesia, seja o que for, nós aceitamos tudo. E damos a oportunidade de experimentarem cá dentro”.

“Experimentação” – por oposição à organização “em caixinhas” de que Ana Beatriz falava – é uma palavra cara ao *Comunica*. O resultado é um jornal em que reina a

diversidade não só no formato, mas também nos temas, que tanto são propostos pelos alunos como pelos professores. O próprio funcionamento do jornal não obedece a um “modelo fixo”: “vamos andando e vamos vendo também como é que os próprios alunos se encaixam no jornal. De ano para ano, as coisas nunca são iguais”, explica António. Não é possível, por exemplo, dizer o número de alunos que colabora no projeto. Apesar de haver um conjunto de estudantes mais participativo — e isso “não quer dizer que sejam os melhores jornalistas”, esclarece o professor — não é necessário fazer parte de um grupo predefinido para participar. As portas do *Comunica* estão sempre abertas a todos, fazendo com que, em cada ano letivo, sejam muitos os alunos a colaborar com o meio de comunicação (que, sendo um jornal digital, tem também um estúdio multimédia, grava noticiários, programas audiovisuais e produz podcasts. Além de que tem uma *app* que os alunos podem descarregar).

“Nós achamos preferível trabalhar assim do que com um núcleo pequenino. É mais inclusivo, damos mais oportunidade a mais alunos. Todas as pessoas têm aqui um espaço para falar”, acrescenta António. Cristina concorda. Podem não ter o jornalismo de investigação que ambicionavam, mas, em compensação, conseguiram construir um projeto que definem como “a alma da escola, humano, o espelho do que aqui se passa”, que “congrega todos, não só a nível dos miúdos, mas dos nossos colegas e das disciplinas que lecionam”, observa a professora.

Certo é que, logo na entrada do estabelecimento de ensino, há uma espécie de *tablet* gigante com os conteúdos do *Comunica* a dar as boas-vindas e endereçando a quem chega um convite para interagir tatilmente com o jornal. É ao pé dele que está Mariana Araújo, 12 anos, aluna do 6.º ano, mas já com dois anos de experiência no *Comunica*. Tem facilidade em falar sobre o projeto — “há notícias sobre o mundo e sobre a escola”, explica — e sobre os benefícios que tem em participar nele — “às vezes tinha um pouco de vergonha”, mas “[aqui] falamos com várias pessoas e perde-se”. Raquel Silva, 11 anos, outra jovem jornalista do *Comunica*, fala das regras que aprendeu, por exemplo ao ler, desde que se juntou ao jornal: “[é preciso] ter cuidado, fazer uma certa dicção em algumas coisas para não ficar muito monótono”.

Sofia Vieira Araújo, 14 anos, não está na entrada da escola, mas no estúdio multimédia, a trabalhar com outros colegas (Figura 3). Diz-nos os temas que escolheram para o jornal televisivo que se preparam para gravar: “9 de maio, Dia da Europa, a coroação do Rei Carlos e o esgotamento de recursos no nosso país”. A seleção foi pensada. A aluna é crítica do trabalho dos editores dos jornais que vê na televisão — transmitem muito “negativismo”, julga. Manifesta, por isso, uma preocupação em fazer diferente e dar, ali, “notícias que são mais alegres”.

Com ela, no estúdio, estão colegas que têm outras funções. As de Rodrigo Alves, 15 anos, são mais técnicas: “ligo as luzes, preparo as câmaras, edito filmes”, explica-nos. O entusiasmo com o projeto é tal que até pediu à mãe para comprar um microfone de lapela e faz questão de nos mostrar como se aplica. Já Tomás Machado, 14 anos, trabalha mais para as redes sociais: “por exemplo, agora está a acontecer um jogo de futebol no pavilhão. Eu simplesmente pego nas informações que tenho — o dia,



Figura 3
Alunos colaboradores
do *Comunica* a trabalhar
no estúdio do jornal.
Créditos. Daniel Brandão

hora, local e mais algumas [notas] — e crio um poster para divulgar”. Trabalhar para as redes sociais não significa afastar-se dos princípios jornalísticos — há a mesma preocupação de “rigor máximo”, sublinha.

No dia em que visitámos a escola, os repórteres do jornal, com idades sobretudo entre os 10 e os 14 anos (embora também haja alguns alunos do 1.º ciclo envolvidos), estão dentro de portas, mas alguns já tiveram a experiência de sair em reportagem. Se a escola organiza algum evento fora, é vê-los orgulhosos, com os coletes cor-de-laranja do *Comunica* vestidos e munidos dos seus instrumentos de trabalho a fazer a cobertura para o jornal (Figura 4).

Para Bárbara Simões, do *PnE*, se há um traço comum no meio de tanta diversidade de jornais escolares, esse traço é “a vontade de querer fazer”, que afirma notar tanto em alunos como em professores. Aos últimos, em especial, elogia o esforço. Considera que

atualmente, com tantos projetos, com tanta coisa para fazer, com tanta coisa para preencher, com tanto trabalho extra o tempo de aula convencional, terem vontade, e decidirem, e andarem ali atrás, à procura, a pedir os trabalhos para terem um jornal (...) [é] de louvar.

Luísa Gonçalves, como professora que também é, assina por baixo: “a palavra ‘tempo’ é o grande inimigo neste momento das escolas”. Atribui a sua escassez a currículos “desadequados, muito extensos”, que deixam pouca margem aos professores para implementar outros projetos.

E, de facto, no terreno ouvem-se queixas dos professores a este nível. O professor José Paulo Lourenço, da Escola de Branca e um dos responsáveis pelo jornal *Escrita Irrequieta* — sobre o qual nos debruçaremos mais adiante —, conta-nos que os três



Figura 4
Equipa de repórteres
do *Comunica* faz
cobertura de evento na
Universidade do Minho.
Créditos. Daniel Brandão

tempos que lhe são atribuídos para o jornal não são suficientes para todo o trabalho que tem a esse nível: “isto é só pelo gostar, não é pelo retorno que isso me traz em termos de progressão na carreira, de avaliação que fazem ao meu trabalho”. Essa avaliação, prossegue, “foca-se em aspetos que às vezes estão mais à vista, porque são as funções de um professor, mas eu acho que tem de ser o todo, e não a parte, a dar esse resultado final”.

A Força da Biblioteca Escolar

Muitas vezes, constataam ainda as coordenadoras do *PnE*, é a biblioteca escolar que está na raiz de projetos e, nomeadamente, de meios de comunicação escolares. Exemplo disso é, noutro ponto do Minho, a Escola de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo. Os repórteres da *TV na Maior*⁴ (Figura 5) são mais velhos do que os do *Comunica*, frequentam o ensino secundário. Aqueles que se dedicam à imagem andam também de colete vestido com o nome do órgão de comunicação escolar nas costas, escrito a branco sobre um fundo azul-escuro. O projeto em que participam nasceu, em 2016, pela mão de uma professora bibliotecária, Cláudia Santos, que atribui a ideia a um desafio da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (RBE) — “é [a RBE] que define as três grandes áreas de intervenção de uma biblioteca escolar, que é a literacia de leitura, a literacia da informação e a literacia dos *media*. E a *TV na Maior* tem permitido trabalhar competências nestas três áreas com os alunos”, conta. Foi também a RBE a financiar esta televisão escolar através de um programa denominado *Ideias com Mérito*, entretanto descontinuado. Quase 10 anos depois, a *TV na*

⁴ <https://www.esmaior.pt/tvnamaior/>.



Figura 5

Alunos colaboradores da *TV na Maior* a trabalhar com a supervisão de um professor.

Créditos. Daniel Brandão

Maior é um sucesso: soma várias distinções e é uma imagem de marca não apenas da biblioteca, mas da escola, envolvendo alunos de vários anos de escolaridade e professores de diferentes áreas disciplinares. Uma área merece especial destaque porque faz a diferença em termos técnicos: a de Audiovisuais.

Cláudia Santos desafiou, logo no início, alunos e professores deste curso profissional, lecionado na escola, para se juntarem ao projeto. A resposta não poderia ter sido mais positiva. Os professores do Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais integraram as atividades a desenvolver para a *TV na Maior* no currículo do curso e, assim, os alunos dessa área trabalham para a televisão em contexto de sala de aula. João Franco, professor do curso, afirma num tom de satisfação de quem consegue aliar o útil ao agradável,

nós procuramos sempre direcionar os conteúdos das disciplinas técnicas – Sistemas de Informação e Multimédia, Técnicas Audiovisuais, Projeto e Produção Audiovisual – para este tipo de projetos mais práticos. Em vez de serem exercícios inócuos, isolados, bloqueados na sala de aula, tentamos ativar as disciplinas técnicas para participar em projetos que depois têm outro tipo de projeção.

Como o curso de Audiovisuais tem sempre um mínimo de três turmas, há, todos os anos, pelo menos 60 alunos envolvidos. Rayner Villa, 20 anos, é um deles. Nos últimos três anos letivos tem trabalhado sobretudo na gravação de imagem e edição de vídeo (Figura 6) e recomenda a experiência: “ensina-te muita coisa sobre o trabalho em equipa, já que é um trabalho muito difícil de se fazer sozinho”, começa por dizer, destacando logo de seguida outro ensinamento: “o que mais aprendi foi que, na parte de pós-produção, se procura que tudo conte algum tipo de história, que faça algum tipo de sentido”.

Às dezenas de alunos que formam a equipa técnica da *TV na Maior*, somam-se, ainda, os jornalistas e repórteres – responsáveis pelos conteúdos e sua apresentação –, cuja inscrição no projeto é voluntária: “o número vai variando, todos os anos são abertas inscrições, umas vezes há mais, outras menos, mas temos sempre em média uns 30 alunos a participar com regularidade no projeto”, contabiliza agora Cláudia Santos. A professora revela que alguns dos que se inscrevem na *TV na Maior* mal chegam à escola, no 10.º ano, já conhecem o projeto pelas redes sociais do agrupamento.

Por acaso não foi assim com Mariana Meixedo, 18 anos. A aluna foi desafiada por Cláudia a integrar o projeto há três anos. E não foi difícil convencê-la. Hoje no 12.º ano, Mariana diz que já então nutria uma “paixão pela comunicação social”. A aluna tem sido um dos rostos da televisão escolar: “isto tudo foi uma aprendizagem para mim”, assegura, sorridente. Admite que “não fazia ideia de todo o trabalho que está envolvido” tanto atrás das câmaras como à frente delas. Não é fácil, desabafa – “sinto o nervosismo antes de começar, antes dos *takes*, o medo de [me] enganar”. Mas isso não a assusta. Revela que a participação na *TV na Maior* só fez com que a “paixão” pela comunicação aumentasse e que este é “um caminho” que espera “percorrer mais tarde”. Partirá para ele em vantagem: “acho que este projeto veio melhorar certas coisas em mim, como a minha dicção, a minha correção. Fez-me aprender melhor o ritmo das palavras”, refere. Também ela realça a satisfação com o trabalho de equipa, com a “cooperação” e com as “pessoas” novas que o projeto lhe permitiu conhecer.

A entrevista que nos dá vai ao encontro da convicção que Cláudia Santos tinha já expressado – os estudantes são recetivos a projetos como o da *TV na Maior*: “tudo o que sejam propostas que lhes permitam aprender coisas fora da sala de aula e em conjunto com outros cursos, com outros alunos que eles nem conhecem, mas que passam a conhecer, os alunos aderem muito bem”.



Figura 6
Alunos colaboradores da *TV na Maior* durante a gravação de um noticiário.
Créditos. Daniel Brandão

Nesta televisão escolar, a participação pode ainda ser feita ao nível da turma. Há turmas inteiras a trabalhar para a TV na Maior, revela Cláudia:

desenvolvem projetos que depois têm como produto final uma série de programas. Um exemplo é a série *Palavras Revistas*, que acaba por ser uma revista de imprensa, em que os alunos vêm para a biblioteca e, em contexto de turma, analisam revistas e jornais, constroem um guião e depois gravam um programa para comentar aquilo que leram e fazer até a ponte com o que aprendem nas disciplinas.

Uma “Mais-Valia” Para Pôr os Alunos a Escrever

A mais de 1.200 km de distância, no Funchal, o professor de Artes Visuais José António Gouveia manifesta apreço por iniciativas que encaixam no perfil do *Comunica* ou da *TV na Maior*

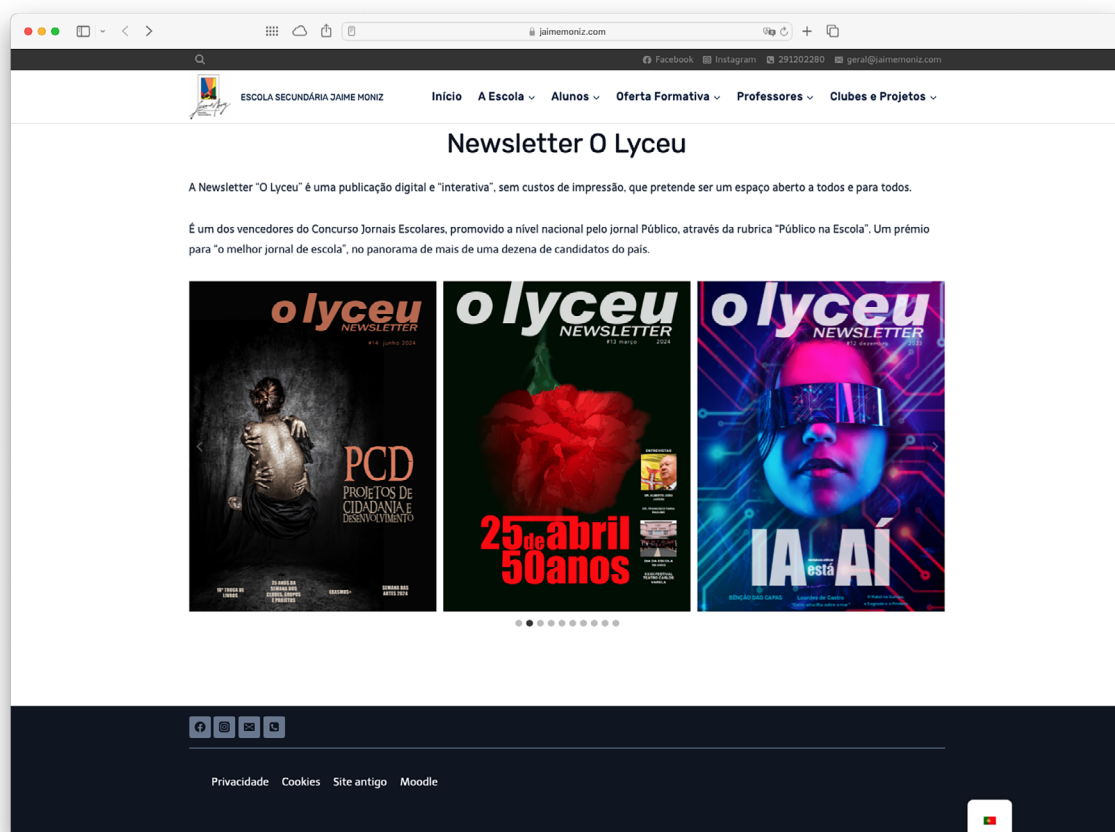
admiro muito os colegas de outras escolas que conseguem cativar os miúdos. Acho que o mais interessante é ver um grupinho de miúdos que anda com o gravador na mão e com a câmara ou o telemóvel e, por sua iniciativa, [dizem] “ah! Nós é que vamos fazer isto, nós é que vamos fazer aquilo”.

Na Secundária Jaime Moniz, é coordenador de um projeto com contornos bem diferentes. Desde logo, “o nosso projeto não é jornalístico”, assume José António, embora reconhecendo que, por vezes, também têm necessidade de apresentar trabalhos nesse âmbito. A *Newsletter O Lyceu*⁵, que, apesar do nome, é uma revista disponível em formato digital (Figura 7 e Figura 8), tem três edições anuais, com as duas primeiras dedicadas a um tema de fundo e a última aos trabalhos desenvolvidos no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Os temas são, sempre que possível, decididos no início do ano letivo e a informação passada – com indicação de prazos, formato de texto e de imagens – aos professores de todos os grupos disciplinares: “se, dentro das suas planificações, puderem encaixar algum daqueles temas ou quiserem divulgar alguma das atividades que fazem, podem mandar os trabalhos para cá e nós fazemos a composição, a edição e colocamos online”, explica.

Os professores de Português Abel Torres e Vanda Gouveia são também coordenadores da revista e decidiram ligar o trabalho para a *Newsletter O Lyceu* com o currículo das suas disciplinas. Para o primeiro, a par de divulgar o que se faz na escola, como atividades, exposições, conferências, o jornal é uma “mais-valia” para motivar os alunos “na escrita de apreciações críticas, textos de opinião”. Vanda tem a mesma perspetiva “é mais fácil para nós integrar os temas que estamos a estudar [no âmbito da disciplina de Português] dentro do tema que a revista apresenta”. Dá um exemplo:

a liberdade e os 50 anos do 25 de Abril – tentamos ligar essa grande linha temática à poesia contemporânea ou a um determinado conto, como *George*

5 <https://jaimemoniz.com/wp/newsletter-o-lyceu/>.

**Figura 7**

Captura de ecrã com o website da *Newsletter O Lyceu*.

Créditos: <https://jaimemoniz.com/wp/newsletter-o-lyceu/>

**Figura 8**

Número 12, de dezembro de 2023, da *Newsletter O Lyceu*.

Créditos: Simulação por Daniel Brandão a partir da versão digital da publicação

de Maria Judite Carvalho, que fala numa mulher nas suas três fases da vida e na importância da escolha, da sua antecipação, da sua conquista de liberdade, que é uma outra liberdade dentro da liberdade política.

Apesar de a proposta partir dos professores, tanto Abel como Vanda dizem ser a voz dos alunos que se faz ouvir na revista. Como docentes, admite ela,

nós temos tendência a veicular determinadas ideologias e abrir caminhos de interpretação [sobre uma obra literária]. Ora, os alunos reagem a essa forma como nós ensinamos, vão assimilá-la, mas são genuínos, criativos e às vezes conquistam patamares de reflexão e de interpretação que estão muito para além daquilo que o professor ensinou.

É essa visão e essa outra forma de entender a vida e o mundo, que é a dos estudantes, que dizem ter a preocupação de publicar na revista. José António conta que, quando abordam os alunos para escrever, lhes dizem mesmo – “não tenham medo, escrevam aquilo que querem, escrevam aquilo que pensam”. Mais difícil do que conseguir que os estudantes deem a sua opinião, parece ser conseguir pô-los a escrever.

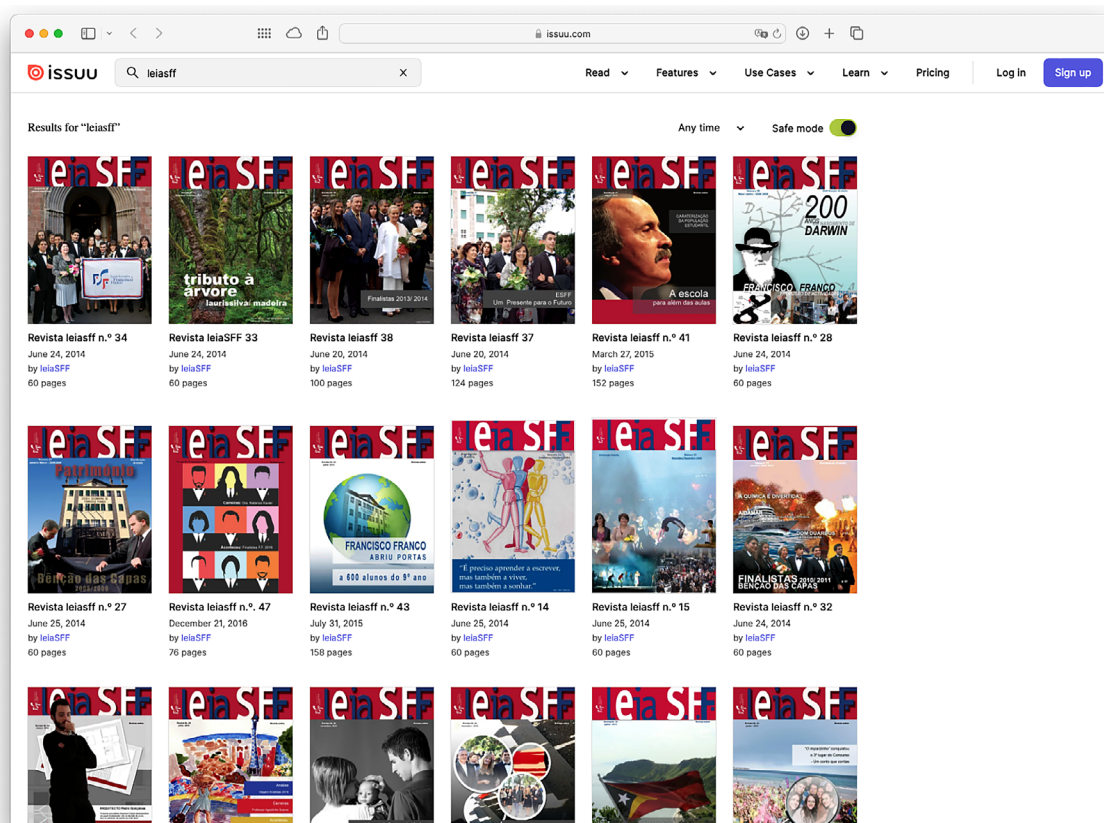
“Não temos aqueles escritores automáticos”, desabafa Vanda. “Às vezes é difícil fazer com que os alunos escrevam *per se*, levá-los a uma autonomia de escrita, têm que ser sempre motivados”, mas depois – remata – “escrevem coisas extraordinárias”. Concorde com José António – “conseguimos ter a visão dos jovens, que é diferente da nossa e, muitas vezes, diferente para melhor. Nós já estamos formatados”.

A formatação dos adultos parece manifestar-se mesmo ao nível de como, por vezes, julgam que os alunos pensam. José António não esconde a surpresa de, num número da revista dedicado à inteligência artificial, se terem apercebido das visões negativas que os alunos têm sobre esta tecnologia, manuais digitais, utilização de computadores. “E depois nós ficamos assim: ‘Mas espera lá, como é que pode ser?!’”.

O que os Olhos Não Veem, o Coração Não Sente?

Rosário Antunes não está a ouvir a conversa, embora esteja também no Funchal, a poucos quilómetros da Escola Jaime Moniz. Leciona Português noutra escola da ilha, a Secundária Francisco Franco, e é uma das coordenadoras da revista escolar *Leia FF*⁶ (Figura 9 e Figura 10). A entrevista que nos dá não se alonga muito na apreciação do trabalho que os alunos fazem para a revista, porque a realidade que vive é bem diferente da partilhada por José António, Abel e Vanda. Rosário revela as inquietações de quem tenta e gostaria de fazer mais e melhor, mas não consegue. Por mais que ela e a colega Isabel Lucas peçam a professores e alunos para enviarem os textos que considerem interessantes e para irem relatando as atividades que vão realizando, “é com muita dificuldade que essa informação depois chega a nós”, conta.

6 <https://esffranco.edu.pt/web/clubes/leia-ff/>.

**Figura 9**

Captura de ecrã da página da *Leia FF* na plataforma issuu.com. Créditos. <https://issuu.com/leiasff>

Figura 10

Páginas de edições diferentes da revista *Leia FF*. Créditos. Daniel Brandão



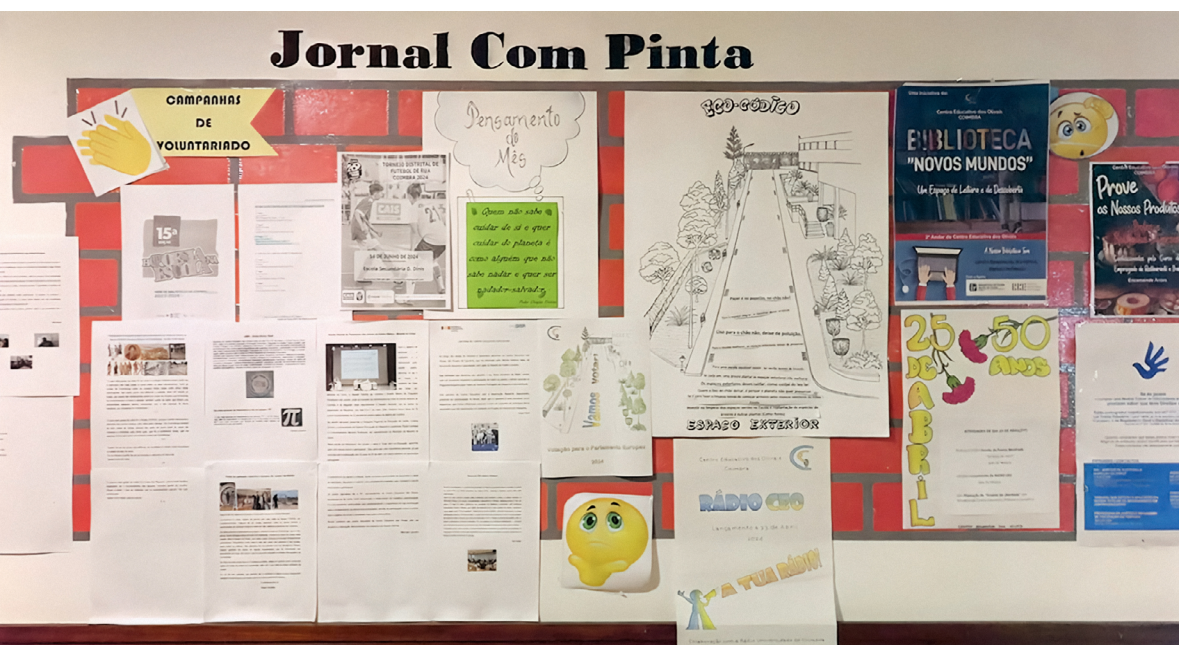
Podia pensar-se que são as dificuldades de quem está a arrancar um órgão de comunicação escolar, mas não. A *Leia FF* conta já com 20 anos de história. Em tempos foi uma revista bimensal e publicada em papel, hoje sai em formato digital e apenas duas ou três vezes por ano. Será essa ausência de fisicalidade um dos problemas? É uma das várias hipóteses que Rosário coloca: “é claro que não é ‘o que os olhos não veem, o coração não sente’, mas também é, esquece-se um bocadinho que ela existe”. Voltar a ter a *Leia FF* em papel está posto de parte – não há dinheiro para imprimir. Falta, também, espaço para reunir (numa escola onde há quase 100 turmas), disponibilidade de tempo para dedicar ao projeto e recursos humanos – professores e alunos. Há apenas duas docentes envolvidas – Rosário edita os textos que chegam, Isabel trata do grafismo. E duas alunas – Matilde Cardoso e Sabrina Viveiros, 17 e 16 anos respetivamente, ambas da área de Humanidades, ambas com interesse em jornalismo.

Também elas têm a convicção de que uma revista em papel ajudaria a que o projeto tivesse mais impacto e levasse mais alunos a participar. Mas avançam outros fatores para esse afastamento dos estudantes. “Sinto que, cada vez mais, os alunos estão preocupados com os resultados que vão ter no final do ano ou do secundário e estes projetos, mesmo que despertem interesse, vão deixando ficar [de lado] e vão perdendo o interesse deste modo”, nota Sabrina. Matilde acha que a causa para a fraca participação também pode ser encontrada no excesso – “o facto de termos tantas atividades extracurriculares, tantos grupos, tantos projetos, torna muito difícil que cada um tenha o seu reconhecimento por toda a comunidade escolar”.

Ainda que seja uma atividade “um bocadinho inglória” porque “há muito trabalho aqui envolvido, mas depois não há um retorno desse trabalho”, as duas professoras e as duas alunas prosseguem o esforço de publicação online da revista, que tem como objetivo ser uma espécie de “anuário da escola, ir reunindo tudo aquilo que se faz – os prémios, as atividades”, nas palavras da professora Rosário. A *Leia FF* é, na realidade, um pouco mais do que isso. Nas páginas da revista, Matilde e Sabrina fazem, também, entrevistas a pessoas da comunidade ou a ex-alunos da escola que foram bem-sucedidos. E escrevem, ainda, textos de opinião que, como se vê pela resposta de Sabrina quando lhe perguntamos sobre o processo de escolha dos temas que aborda, denotam uma capacidade de olhar e criticar a realidade que a rodeia: “eu vejo por exemplo uma paragem e idosos à espera do autocarro e pergunto-me ‘porque é que idosos em pleno século XXI ainda estão à espera do autocarro?’. E penso ‘ah, isto é um bom artigo, posso escrever sobre isto”.

Uma Parede que Faz Magia

No Centro Educativo dos Olivais, em Coimbra, há um meio que conta também mais de 20 anos de existência. O *Jornal com Pinta* é um jornal de parede (Figura 11) e digital (Figura 12). Tem, como outros jornais escolares, o propósito de apresentar uma visão global das atividades que vão sendo realizadas no Centro, mas o seu objetivo vai além disso. É terapêutico, de certo modo. “O jornal aparece como sendo um instrumento de demonstração de competências” e de motivação dos alunos. “É sobretudo uma tentativa de os levar a querer escrever, a querer falar sobre determinados assuntos e a querer reportar algumas aprendizagens que vão tendo”, elucida Teresa Fonseca, professora de Inglês e também de Cultura, Língua e Comunicação.

**Figura 11**

Jornal com Pinta, em formato de jornal de parede.
Créditos. Daniel Brandão

**Figura 12**

Edição janeiro-março de 2024 do Jornal com Pinta.

Créditos. Simulação por Daniel Brandão a partir da versão digital da publicação

As crianças e jovens que vivem no Centro, que funciona como residência e como escola (associada ao Agrupamento Martim de Freitas), têm percursos de vida peculiares. Entraram ali porque têm menos de 16 anos e lhes foi decretada uma medida de privação da liberdade por atos que cometeram. Vêm quase sempre de contextos desfavorecidos e de famílias desestruturadas. O tipo de ensino que recebem tem que ser mais individualizado. Falta-lhes autonomia, hábitos de estudo, capacidade de se concentrarem e realizarem, sem apoio, uma tarefa, revela Luís Travassos, professor de Tecnologias da Informação.

Escrever para o jornal acaba por ser, também, uma forma de injetar a estes jovens a autoconfiança que tantas vezes lhes falta. “Há um certo orgulho, até, às vezes, uma euforia, quando olham para o texto e dizem ‘eu fiz isto’. E isso é o que nos pretendemos, que eles sintam que, tal como os outros alunos lá fora, conseguem”, transmite Teresa. Luís diz que “esse gosto, esse ego deles”, dos alunos, se manifesta nas suas aulas, quando digitam o texto que escreveram antes: “eu digo ‘façam uma formatação normal’, mas há um conjunto que faz uma formatação e letra artísticas. O que querem é que o artigo deles sobressaia relativamente aos colegas”.

Até chegar a esse “orgulho”, a essa “euforia”, o processo não é, no entanto, fácil. Teresa explica existir uma rotina que começa com ela a dizer “vamos escrever um texto para o jornal”. Se a escrita for em grupo, os alunos reagem bem e é tudo mais simples. Quando, pelo contrário, os desafia para a escrita individual, as adversidades são imediatas. A professora já sabe que vai começar por ouvi-los dizer “eu não consigo”, repetidamente, e assistir a grandes dificuldades, quer na organização das ideias como do texto. “É um processo longo, um bocado doloroso. Cada um escreve, nós corrigimos, sento-me ao pé de cada um, e o que é que achas disto?’, ‘vamos fazer assim’, negociamos”, relata. Mas Teresa sabe que no final vale a pena.

A conversa com dois dos alunos revela isso mesmo. I. e M., ambos de 16 anos, encontram-se connosco na biblioteca do Centro Educativo. Sem referir a palavra, I. associa o *Jornal com Pinta* a liberdade – “a gente é menor, estamos aqui dentro, a gente já tem essa limitação, mas no escrever não”. É de opinião que ainda podiam escrever mais coisas:

tipo, a nossa vivência aqui, porque os jovens estão lá fora a ver e, tipo, acendeu uma luz na cabeça deles, então eles vão pensar duas vezes nisso, em vir parar aqui. Eu acho que isso também deveria ser mais escrito no jornal.

Esta ideia vai aparecer várias vezes ao longo da conversa. Tanto I., como M., um pouco mais reservado do que o colega, dizem que desconheciam totalmente a existência de instituições como a que agora frequentam e parecem querer alertar jovens como eles, mas que estão em liberdade, para o que lhes pode acontecer. Parecem ver no jornal potencial para divulgar esse alerta. Mas, dizem, não é tanto isso que fazem no *Jornal com Pinta*: “relatamos aqui as coisas do Centro Educativo, o que acontece. Não acontece muita coisa, mas a gente relata tudo, vamos supor, trabalhos que a gente

faz com os professores”, explica I.. “Atividades. De pessoas lá fora que vêm cá dentro [falar] sobre vários temas”, acrescenta M., observando que o jornal “contribui para o nosso crescimento, cultura, em algumas coisas”. Quando se lhe pede que concretize, recorda assuntos, como a “educação alimentar”, que desconhecia e sobre a qual aprendeu graças a pessoas que o Centro levou à instituição para falarem. Conta, também, como aprendeu a tocar viola desde que chegou e transmite a satisfação que é, para ele, escrever sobre isso no jornal: “dá gosto em falar disso, em explicar o que aprendi”. A tal dose de autoconfiança que essas atividades lhe parecem trazer, vem ao de cima: “dá para mostrar que nós também conseguimos fazer as coisas, temos talento”.

Não se pense que o desenvolvimento da autoconfiança espoletada pela participação em jornais escolares se verifica apenas em contextos como o do Centro Educativo dos Olivais. António Paiva, do *Comunica*, diz que várias vezes está na sala de professores e vem um colega perguntar-lhe: “tu já viste o que é que fizeste? Puseste o não-sei-quem a fazer um telejornal. Ele na minha aula é um caos, não consigo que ele faça nada. Vocês conseguiram tê-lo ali!”. Para o professor fundador do *Comunica* a chave do sucesso está na construção de um espaço – o jornal – “onde eles sabem que são ouvidos”. Por vezes, são os próprios professores a darem um empurrãozinho. A professora Cristina Rodrigues, também do *Comunica*, conta que às vezes vão ter com miúdos que seria quase impensável verem à frente de uma câmara a apresentar seriamente as notícias e dizem – “ajuda aqui que precisamos de alguém para fazer o telejornal. Não queres fazer?”.

Bárbara Simões refere ter conhecimento de histórias semelhantes – “alunos que não se identificavam muito com a escola e [para quem] o jornal foi um elemento de valorização”. Mas, claro, como já se viu atrás, pelos testemunhos de vários estudantes, e como se verá também mais à frente, a experiência não acrescenta só a quem é mau-aluno.

Inês Azevedo, 13 anos, da Escola de Branca, resume o que parece ser a sensação de todos, independentemente do aproveitamento escolar: “nós gostamos do facto de que o que nós produzimos vai ser muito valorizado, estamos a escrever para um jornal escolar, é uma responsabilidade e eu gosto de ter responsabilidades”.

Voltando a I. e M., no discurso de ambos, o jornal surge muito como uma forma de ligação aos outros – para alertar, para mostrarem a evolução que sentem estar a fazer, para se sentirem próximos de quem está lá fora: é um meio “de comunicação com a nossa família”, sublinha I., contando, satisfeito, que, quando fala com a mãe por telefone, constata que ela viu o que publicaram. Recorda, por exemplo, este episódio: “houve um Natal, ela não pôde vir, mas viu imagens [através do jornal]”.

Tanto para I. como para M. há uma função mais que o jornal cumpre: a de agradecimento às pessoas que vão ao Centro ensinar-lhes e falar-lhes sobre vários assuntos: “quando eles vêm cá, voluntariamente, a gente sente que não estamos esquecidos, querem-nos ajudar”, transmite I.. A escrita transforma-se, então, numa forma de gratidão: “a gente retribui, coloca no jornal, agradecendo que veio aqui fazer isso”.

Pelo contexto em que é realizado, o *Jornal com Pinta* é um caso à parte no panorama dos órgãos de comunicação escolares e não permite muitas comparações. Apesar de ter uma versão digital, os alunos estão impedidos de ter acesso a telemóveis e a computadores com ligação à internet. Luís Travassos explica que o isolamento face às tecnologias é imposto aos alunos por uma “necessidade de eles se desligarem da realidade e do bairro onde estavam inseridos”. De qualquer forma, o professor julga que seria difícil usar a internet com eles para fins de aprendizagem, pois nota o estado de euforia em que ficam quando veem um *browser* e tem a convicção de que só queriam usar as tecnologias com propósitos lúdicos.

Ferramentas Para Desabrochar

A sul, em Évora, sem condicionamentos de qualquer tipo a esse nível, a professora Maria João Paulino decidiu introduzir alterações ao Clube de Comunicação Social que já existia quando, há quatro anos, chegou ao Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício. Abandonou uma *newsletter* em papel que era publicada e criou uma plataforma digital – a *Patrício's News*⁷. “Hoje em dia [para] os miúdos é tudo mais digital e, até para eles mexerem e serem eles a construir, é mais motivador”, justifica. O jornal tem também página no Facebook e no Instagram, mas aí são apenas os professores a publicar conteúdos. A experiência tem sido muito positiva, como o empenho que se vive na redação transmite (Figura 13 e Figura 14). À pergunta “é fácil trazê-los para cá?”, a coordenadora responde assim: “ah, é muito fácil. Eles nunca faltaram, nunca!”.



Figura 13
Aluna colaboradora
do *Patrício's News* a
trabalhar no jornal.
Créditos. Daniel Brandão

⁷ <https://ccs-aemfp.weebly.com/>.



Figura 14
Alunos colaboradores
do *Patrício's News* a
trabalhar numa peça
sobre o projeto *bYou*
para o jornal.
Créditos. Daniel Brandão

O Clube funciona todas as quartas-feiras à tarde, um período em que não há aulas na escola. E o regime é voluntário, partilha:

não tenho esse objetivo, de ter um caráter obrigatório, de ter faltas, porque acho que isso limita um bocadinho e pretendo que seja um clube divertido, leve, sem a rigidez que às vezes as aulas têm. Pretende ser uma coisa agradável. Eles vêm porque querem, porque gostam do que estão a fazer.

Se ouvisse as palavras de Maria João, Bárbara Simões concordaria totalmente – “o jornalismo escolar é uma coisa que dá muito gozo, não faz muito sentido, nem pode ser feito [como] ‘é mais uma coisa que têm de fazer’, é mais um trabalho para o jornal”. Na redação da *Patrício's News*, os alunos podem até pôr música ambiente, e escolher as canções que querem ouvir, o que também parece ajudar à boa energia que se sente na sala. No entanto, nem tudo é simples...

Dar voz aos alunos, por exemplo, foi um “processo”, um “caminho”, porque “no início eles não conseguiam. Praticamente copiavam e colavam as notícias [que os professores enviavam para o email do jornal], não faziam mais do que isso”, observa Maria João. Agora? “Agora já conseguem fazer uma notícia eles próprios, fazer entrevistas. Depois nós ajudamos a construir, claro, mas a maior parte é tudo feito por eles”.

Fernanda Alves, também coordenadora do Clube, junta-se à conversa para recordar um episódio que ilustra essa mudança de atitude nos alunos:

no ano passado, veio cá uma jornalista entrevistá-los, eles acharam aquilo o máximo, estavam eufóricos. Vieram a correr: ‘professora! Vamos ser entrevistados, vamos ser entrevistados!’. E aquela sessão virou uma coisa diferente, eles deram a volta e entrevistaram eles a jornalista, que veio fazer a cobertura da floresta

Miauaqui [plantada na escola seguindo um método japonês que permite um crescimento mais rápido de árvores e criar um espaço de biodiversidade].

O método de trabalho que introduziram no Clube de Comunicação Social terá ajudado a esta capacidade de autonomia dos alunos. Fernanda explica que “normalmente, eles vão saber o que se passa na escola, ver se há alguma coisa a decorrer que seja do interesse deles e que queiram fazer”. Maria João já tinha comentado que a preocupação em dar-lhes ferramentas não é só do Clube, é de todos os professores, nas disciplinas que têm, especialmente em Português – “são estimulados para isso e depois fica lá o bichinho. E eles são curiosos, gostam de fazer, de produzir, de fazerem a interação. São mesmo eles que definem, que fazem, que orientam”, prossegue Fernanda.

O entusiasmo nota-se, também, nos pedidos que endereçam às professoras responsáveis pelo Clube: “quando é que temos os nossos microfones? E as câmaras? E os coletes a dizer ‘jornalista?’”. Maria João e Fernanda garantem-lhes que vão ter: “calma, tudo a seu tempo”, respondem-lhes.

Martim Valério, 11 anos, acha que o prémio que receberam do *PnE* vai ajudar a isso e a mais: “vai-nos ajudar muito para adquirirmos equipamentos para melhorarmos a nossa qualidade, podermos fazer coisas melhores”. Mas, afinal, o que é que se faz mesmo no *Patricio's News*? Publica-se sobre “[temas] da escola – é o que temos mais –, mas às vezes também temas da cidade e, às vezes, até do país”, elucida ainda Martim, que se afasta um pouco do grupo de repórteres que está a trabalhar à volta de uma mesa para falar connosco. Francisco Reis, 11 anos, fala mais dos géneros jornalísticos a que costumam recorrer: “[fazemos] notícias e, às vezes, entrevistas, minientrevistas, a alunos ou funcionários ou professores”. Considera que o trabalho que desenvolvem, em equipa, é importante: “para os alunos ficarem a saber que não há só notícias na televisão, que há notícias nas escolas, e ficarem informados do que aconteceu ou vai acontecer”. O aluno do 6.º ano garante que tem colegas que às vezes comentam o que sai no jornal da escola. Maria Luíza Pacheco, 11 anos, também ouve conversas sobre o que publicam: “há pessoas que estão cá na escola, mas não sabem de muitas coisas. Quando veem as notícias dizem ‘ah! Não sabia que havia disto cá na escola’”. Ela acha que é sobretudo essa a razão pela qual gosta tanto de trabalhar no jornal – “eu gosto que as pessoas fiquem a saber outras coisas novas através do nosso trabalho”. Já tentou até chamar outros colegas a juntarem-se ao projeto, mas, conta, “eles só davam desculpas – ‘ah, tenho a tarde livre já ocupada com outras coisas e então...’”. Já Lucas Gomes, 11 anos, entrou mesmo no jornal graças ao desafio de um colega jornalista e está muito satisfeito. Como acontece em várias escolas, é mais um aluno a dizer que o meio de comunicação o ajudou a superar a timidez – “aprendo a falar com os outros sem ter vergonha”, diz-nos. Já fez algumas entrevistas, mas tem sobretudo escrito notícias. Inês Amador, 10 anos, acha divertido entrevistar pessoas na escola. “Lembro-me há pouco tempo que a gente fez [entrevistas] sobre qual é que elas achavam que era a palavra do ano”, conta. Viram a notícia da escolha da palavra do ano dinamizada por uma editora nacional e, por iniciativa própria, um grupo de alunos decidiu ver qual é que a comunidade escolar escolheria como palavra do ano. “Guerra” saiu vencedora.

Em Vez de Campainhas, Rádio

Quem sabe se do Clube de Comunicação deste Agrupamento de Escolas de Évora não sairão futuros jornalistas profissionais. Paulo Martins, da *Rádio Impacto*, já viu isso acontecer. Conta 20 anos como coordenador desta rádio escolar de Oliveira de Azeméis (Figura 15 e Figura 16). O projeto já existia quando ele chegou à Secundária Ferreira de Castro, em 2003, mas tinha praticamente desaparecido depois de um ano em que ficou entregue à Associação de Estudantes. Coube-lhe ressuscitar aquela que – pensa – é “a rádio escolar mais antiga do país em funcionamento”. O projeto começou em 1998 e Paulo sabe que, logo nesse ano e no seguinte, o professor que dinamizava a rádio e os seus alunos organizaram dois encontros nacionais de rádio escolares na cidade, abrindo-se assim também à comunidade. O atual coordenador da *Rádio Impacto* confessa que sente orgulho na história do meio de comunicação, que surgiu com o objetivo de “acabar com as campainhas no início e no fim das aulas” e que passou a “fazer parte da vida da comunidade”.

A importância da rádio para uma escola “é enorme”, assegura. Tem pena que as escolas que não têm uma não cheguem a saber “a falta que lhes faz”: “é muito interessante na vida da escola, nós sabemos que somos ouvidos, temos *feedback*, mesmo os miúdos falam uns com os outros, e alguns professores não se esquecem e, quando têm uma atividade, enviam-nos informação para divulgarmos”. Não é tudo. Paulo fala, também, das múltiplas colaborações: com a biblioteca escolar, com as disciplinas, com os domínios de autonomia curricular das turmas. Exemplos? O mentor do projeto tem muitos: “agora tenho estado a fazer gravações com alunos de vários anos para participarem no Concurso Nacional de Leitura em Voz Alta”. Outras vezes são turmas que “têm necessidade de fazer gravações e vêm aqui”. De forma mais formal ou mais informal, há uma vontade de interagir com todas atividades da escola, explica o professor. E a verdade é que a rádio está no plano educativo daquele estabelecimento de ensino como um dos projetos de referência. Os alunos agradecem.



Figura 15
Aluna colaboradora da
Rádio Impacto em direto.
Créditos. Daniel Brandão

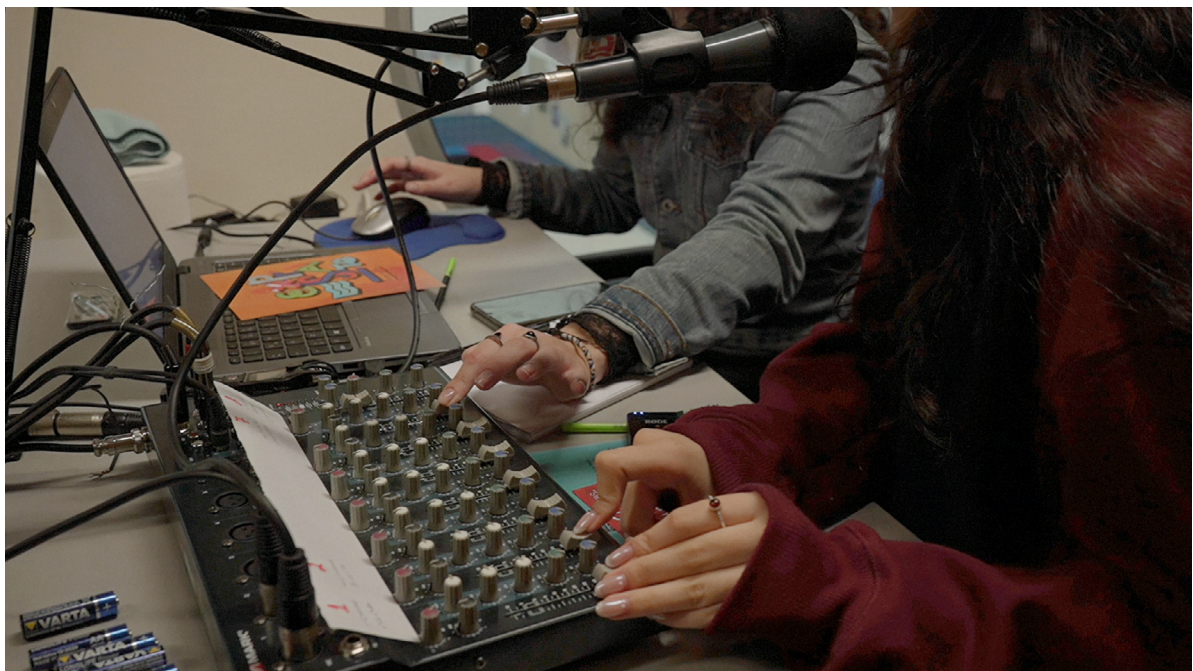


Figura 16

Duas alunas colaboradoras da *Rádio Impacto* operam a mesa de mistura durante a emissão.

Créditos. Daniel Brandão

Letícia Figueiredo, 17 anos, está no 12.º ano e, antes de ser locutora da *Rádio Impacto*, já era ouvinte: “estou aqui [na escola] desde o 10.º ano e sempre ouvi a rádio. Tive interesse em vir para aqui, pôr as músicas, falar, dar informação”. Conta que tinha uma sensação boa quando uma aula acabava e começava a ouvir a rádio – “quando inicia a música é sinal que é intervalo”, diz. Juntamente com a colega Isaura Mortágua, 16 anos, Letícia decidiu-se a participar no projeto, em vez de apenas o apreciar nos intervalos. Além de escolherem músicas – tarefa que adoram –, também estão reativas a pedidos dos colegas: “é divertido, porque eles também ficam felizes, estão a ouvir o que gostam”, comenta Isaura. Entre um tema e outro vão ainda dando notícias. A rir, Letícia observa: “somos as primeiras a saber dos eventos da escola”. Isaura acrescenta que há espaço para outras informações também: “semanas e dias mundiais de alguma coisa, coisas assim”.

As notícias ficam geralmente a cargo do professor – “sei mais ou menos o que se passa e o que vai acontecer”, diz Paulo. Por isso, prepara as informações a dar, envia-as para o email da rádio e aos alunos cabe apenas abrir e ler. De resto, fazem reuniões num intervalo, de 15 em 15 dias, para programar outras tarefas extra que queiram fazer, como cobrir um acontecimento da escola. E o grupo que criaram no WhatsApp também tem dado uma ajuda à comunicação entre a equipa.

Tal como Maria João, da *Patrício's News*, Paulo acha que não é difícil arranjar alunos. Porém, no caso dele, afirma ser difícil ter interessados que disponham de tempo para fazer formação: “os alunos hoje têm muitas outras solicitações e arranjar tempo livre fora dos intervalos é muito difícil”. Ultrapassado este obstáculo, o professor nota que “o bichinho da rádio se instala” nos jovens estudantes. “Os que vêm são muito regulares, gostam muito”, continua.

Há alunos que começaram no 7.º ano e colaboraram com a rádio até ao 12.º. André Costa, 10 anos, pode superar essa meta, visto que está no 5.º ano e ainda tem oito

anos pela frente como aluno do Agrupamento. É o repórter mais novo da *Rádio Impacto* e tomou a iniciativa de se juntar ao projeto porque tem o sonho de ser jornalista. Acha que a rádio na escola é importante, sobretudo pelo que divulga: “ajuda as pessoas a saberem informações que podem ser precisas, como atividades que podem estar a ocorrer”, pensa. Já Gabriel Barbosa, 16 anos, chegou à *Rádio Impacto* por razões diferentes. No caso dele, tudo começou com um plano de autossuperação: “queria ficar sem vergonha, sair um bocado da zona de conforto, como sou uma pessoa muito tímida”. Os microfones têm-no ajudado: “de alguma forma, vou perdendo o meu medo de falar com as pessoas”, autoavalia-se. Está no 11.º ano e já conhece o tal “bichinho” da rádio de que Paulo falava. Normalmente, nos intervalos vai a correr para o estúdio e já aconteceu, até, falar com professores para o libertarem das aulas para poder ir cobrir algum evento.

Numa Onda – Pouco Curta – De Autonomia e Responsabilidade

Da *Rádio Impacto* em Oliveira de Azeméis à *Rádio Vale do Tamel*⁸, do agrupamento de escolas com o mesmo nome, em Barcelos, é mais ou menos uma hora e meia de distância. Quando chegamos, encontramos seis alunos – todos rapazes, todos com 13 anos e da mesma turma de 8.º ano – a fazer um programa de rádio (Figura 17 e Figura 18). Estão sentados, partilham os microfones existentes no estúdio – uma antiga arrecadação de material informático obsoleto reconvertida e devidamente insonorizada. Falam de futebol, comentando o jogo Brasil–Argentina no estádio de Maracanã, no Rio de Janeiro, em que se registaram confrontos graves entre os adeptos das duas equipas e a polícia. Conversam com grande à-vontade. Dir-se-ia que se prepararam bem para a tarefa.



Figura 17
Alunos colaboradores da *Rádio Vale do Tamel* gravam um programa.
Créditos. Daniel Brandão

⁸ <https://radiovaledotamel.blogspot.com/>.



Figura 18
Aluno colaborador no
estúdio da *Rádio Vale do
Tâmel*.
Créditos. Daniel Brandão

Já com o programa concluído, um dos alunos, Martim Oliveira, diz que apenas ensaiaram uns cinco minutos antes de começar, mas justifica a postura solta: “nós aqui na nossa rádio trabalhamos muito a parte do falar, ou seja, comunicar”. Vítor Diegues confirma. É professor de Educação Visual e Tecnológica com uma vasta experiência de rádio (iniciada nos anos 80 quando surgiram as primeiras “rádios piratas”) e foi ele quem, em 2009, fundou o projeto na escola sabendo do potencial de aprendizagem que tem para os alunos. O primeiro período é, em geral, dedicado à formação: “são-lhes dadas noções básicas de linguagem de rádio, a importância de colocar a voz”, revela. É uma etapa de que Vítor não abdica: “os alunos quando chegam cá, têm a tendência de começar a ler ao microfone e, portanto, a ideia é desmontar um pouco isto”, levá-los a pensar em “quem está do outro lado a ouvir”. A formação também tem uma componente técnica, em que aprendem a fazer edição de áudio usando um software, o Audacity, que Vítor descreve como sendo bastante fácil e intuitivo.

Formar os alunos é essencial, também, porque há muito trabalho que é feito por eles de forma autónoma, sem a presença do professor. “Sendo uma atividade lúdica, o objetivo é que eles saibam ter um sentido de responsabilidade”, comenta. Há um conjunto de regras que todos cumprem para assegurar que tudo funciona bem — “temos uma sebenta cá no estúdio em que assinam no dia e na hora em que estiveram cá, registam se verificaram alguma anomalia ou se aconteceu algo de importante”.

Curiosamente, no caso de alguns dos alunos que estão em estúdio, a paixão pela rádio já existia antes de experimentarem estar, eles próprios, ao microfone. Martim fala da avó que se liga à rádio quando está cansada de ver os programas de televisão; Duarte Correia recorda a fábrica do avô, onde a telefonia está sempre ligada; Afonso diz que ganhou o gosto quando, nas férias, ia com a mãe para o trabalho dela e ouviam o programa *As Três da Manhã*, da Renascença, no rádio no carro. Já para Afonso Caridade, a vontade de se juntar ao grupo nasceu quando passou à porta do estúdio

pela primeira vez e viu uma mesa que lhe lembrou a mesa de mistura do padrinho do irmão que é DJ – “quero experimentar aquilo”, pensou. No grupo estão também Simão Barros e Filipe Bruno.

Graças à rádio da escola, todos passaram a conhecer o outro lado da rádio e a saber dizer como é a experiência. Martim descreve a rádio como “um mundo diferente do que quando estamos lá fora”. Vê-a como “um exportador de cultura, que nos possibilita ter um diálogo entre nós, com o público lá de fora”. Simão diz que “é uma coisa que nos deixa mostrar os nossos talentos a muitas mais pessoas, os nossos gostos com a música e ajuda-nos a entender mais das técnicas de mexer aqui no material”. Filipe soma à lista a ajuda que a rádio lhes dá “na realização de vários trabalhos”, por exemplo de Cidadania, e como o meio de comunicação lhes permite, além da música, “passar a informação do mundo lá fora para aqui, para a nossa escola”.

Para esta tarefa, de construir blocos de notícias, Vítor explica que os alunos se apoiam muito no jornal da escola, o *Escola Ativa*. Mas, noutras áreas, são eles próprios que fazem o trabalho – entrevistas, por exemplo, ou programas, como aquele a cuja gravação assistimos, ou mesmo outros, de cultura geral, assuntos de atualidade ou onde trabalham temas explorados em disciplinas, nomeadamente de Cidadania, como o *bullying* e o *cyberbullying* ou o uso correto de tecnologias.

Tal como Paulo Martins, também Vítor descreve a rádio na escola como uma árvore cheia de ramificações. Fala da articulação com várias disciplinas – os “colegas que trabalham o teatro radiofónico” são apenas um exemplo – e com outras valências da escola, “como a biblioteca escolar, o Gabinete do Aluno ou o Clube de Robótica, que faz muita produção áudio gravada aqui na rádio”. As pontes são lançadas até para fora do estabelecimento de ensino – com encontros nacionais de meios de comunicação escolares ou com projetos universitários, como um, luso-galaico, o *Ponto nas Ondas*. E a própria rádio, além de ser emitida em circuito interno, está disponível na internet. A diferença é que, para a web, os alunos não fazem diretos. Há sempre um trabalho de edição prévio. Dentro e fora da escola, a *Rádio Vale do Tamel* tem vindo a ser distinguida de diversas formas. A conquista do selo de “Escola Amiga da Criança” é um dos muitos reconhecimentos que deixa Vítor orgulhoso.

As Oportunidades que Nascem dos “Fracassos”

Como Vítor Diegues, Luís Maia, professor de Português, é a prova de que muitas vezes os projetos de jornalismo entram na escola pela mão de alguém que teve aventuras anteriores na comunicação social. No caso de Luís, enquanto estudante do ensino superior, fez alguns artigos para jornais de Lisboa, hoje já extintos, como *A Capital* ou o *Diário Popular*. Nota que lhe “ficou sempre esta relação com o jornalismo”, de que não se divorciou enquanto professor. Na escola, neste âmbito, transmite que o que mais lhe interessa é “construir jornais que sejam principalmente produto de alunos – embora sejam sempre também produto de professores –, que os leve a ter um olhar com discernimento não só para a escola, mas para o mundo que os rodeia”. A ideia que quer passar aos estudantes é, sobretudo, esta: “não podemos ficar fechados no espaço, na comunidade em que estamos, [devemos] abrimo-nos para o mundo, mas olhar para ele de uma forma crítica, pensada”.

Foi o que tentou fazer numa escola onde esteve em Sesimbra, logo no início da carreira, e, mais tarde, num jornal com nome de código postal – o 2800 – na Escola Emídio Navarro, em Almada. Sobre o primeiro projeto não tem reservas em dizer que “falhou completamente”; sobre o segundo admite que os números lançados foram “muito inconstantes, muito irregulares”, mas que já começou, com a equipa, a “fazer qualquer coisa com algum critério”. Prova disso é que, aquando das comemorações dos 25 anos do semanário *Expresso*, em 1998, foram convidados a coordenar um jornal de jornais escolares a nível nacional. Mas a sua grande aventura – antes de chegar onde está hoje – dá pelo nome de *Mar da Palha*. A partir de 2002 recuperou, também na Emídio Navarro, este título de um jornal que tinha existido na escola nos anos 80 e viu-o crescer, sob a sua alçada, ao longo de 20 anos.

Agora, na Escola Secundária Cacilhas-Tejo, também em Almada, onde chegou há pouco tempo, lançou o *Margem Certa*, de que já foram publicados alguns números. O que pretende com este jornal mantém-se dentro da filosofia atrás partilhada. A questão certa a colocar parece ser “mas como é que isso se faz?”. Luís dá a receita: “tentamos sempre que o jornal não seja apenas um boletim informativo do que é feito na escola – para isso há as *newsletters*, as páginas da escola, etc. – mas sim ver como eles [os alunos] olham o que os rodeia, ver se isso os ajuda a observar coisas que não observariam de outra maneira, os desperta para outras situações”.

Estar aberto ao que são os desejos dos alunos parece ser outra chave importante. E, por vezes, eles não correspondem ao que os adultos imaginam, como o professor José António Gouveia, da Escola Jaime Moniz, na Madeira, já havia notado. Luís conta que o *Margem Certa* se publica em papel por vontade dos jovens que formam a equipa. “É curioso”, observa, “eles, que não leem jornais em papel, quando propus [um jornal digital] disseram ‘não, não, queremos ver em papel, queremos as coisas escritas, queremos ver aquilo que nós fazemos em papel’” (Figura 19 e Figura 20).



Figura 19
Capas do jornal *Margem Certa*.
Créditos. Daniel Brandão



Figura 20
Capa e páginas da
primeira edição do
Margem Certa.
Créditos. Daniel Brandão

Os alunos chegaram ao jornal ou em resultado de uma campanha de divulgação do projeto realizada na escola, ou por convite do próprio professor. Beatriz Martins, Luísa Gonçalves, Mariana Guerreiro e Sara Faquinéu, de 15 anos, são todas alunas de 10.º ano de Luís Maia e aceitaram o desafio do professor para se juntarem ao *Margem Certa*. Luísa diz que, apesar de gostar de ler e de escrever, “a motivação do professor” foi determinante na decisão. Não esconde que a experiência tem momentos “complicados” – “por causa do nosso horário com os testes”, diz. Mariana concorda – “perdemos um bocado de tempo”. E Sara também – “às vezes é stressante porque há prazos e coisas tipo bloqueios mentais, como é que escrevo este texto?”. Apesar disso, todas voltariam a fazer o mesmo, porque “é fixe”, “é giro”, “ficamos contentes com o resultado”, “é uma coisa que gostamos de fazer e também nos proporcionou mais experiências”.

O desejo de Luís – de usar o jornalismo para pôr os estudantes a observar outras realidades – fica claro que está a ser cumprido na conversa que temos, numa sala de aula vazia, com estas jovens. Sara e Beatriz fizeram um trabalho sobre os gatos da escola. “Nós entramos aqui e percebemos logo que há gatos, mas não sabemos muito sobre eles”, constata Sara. Beatriz explica que foram em busca “da origem dos nossos gatos” e descobriram que a presença dos felinos por ali é mais antiga do que a própria escola. “Aqui existiam só barracões e já havia gatos”, acrescenta. Além disso, exploraram o comportamento dos animais e a relação deles com alunos, professores e auxiliares. Já Mariana e Luísa saíram mesmo do recinto escolar, foram fazer uma visita a um espaço que tinha acabado de abrir na cidade, o Museu da Água e conversar com o diretor. “Falou-nos sobre muitas coisas que nós não sabíamos, como o consumo de água aqui em Almada e de atividades que nós podemos fazer lá”, comenta Luísa.

Luís Maia parece estar a conseguir fazer algo que as duas coordenadoras do *PnE* apontam como um problema em muitos jornais escolares. Luísa Gonçalves constata haver “uma grande dificuldade em sair da escola” e “pouco contacto com a sociedade mais alargada”. Algo que a coordenadora do *PnE* vê como fundamental: “a sociedade civil e a escola têm que ser uma coisa de muita proximidade”. Bárbara Simões considera que “o que mais falta nos jornais escolares é jornalismo”. E lamenta essa ausência, desde logo porque – frisa – “o jornalismo ajuda a conhecer melhor o mundo em geral e, portanto, ajuda a conhecer melhor o mundo que está ali à nossa volta”. Além disso, reforça ainda Bárbara,

o jornalismo proporciona coisas diretamente porque nos põe em contacto com pessoas, mundos, vivências, assuntos, em que nunca repararíamos se não fosse pelo jornalismo. E indiretamente, porque a partir do momento em que estão nos jornais escolares, há coisas que vão acontecendo por causa disso.

Uma das edições do *Margem Certa* teve essa proximidade mesmo como tema central. Luís encarregou vários alunos de escreverem cada um sobre uma parte da cidade de Almada, a propósito dos 50 anos do município. Para Sara, o contributo que deu para essa edição foi um trabalho inesquecível. Partilha o gozo que teve ao escrever sobre

o que Almada, onde vive, significa para ela: “foi, para mim, o [texto] mais marcante porque foi a minha vivência e baseie-me também um pouco naquilo que os meus avós me disseram, perguntei-lhes um pouco também”.

A organização do jornal *Margem Certa* é pautada pela informalidade: “não temos inscrições, não temos clube de jornalismo, não fazemos reuniões de forma periódica, utilizamos muito o WhatsApp. Fazemos reuniões quando chegamos às partes mais decisivas, mas tentamos evitar um conjunto de formalismos”, assume o professor Luís Maia, notando que essa é também uma forma de dar duas coisas aos alunos – liberdade e responsabilidade.

A conversa com as alunas permite descobrir outra competência em desenvolvimento graças ao jornal – o trabalho em equipa. “É um bocadinho complicado quando é questão de [escrever artigos] em grupo”, transmite Beatriz, “porque cada um quer fazer a coisa à sua maneira e depois temos de adaptar”. “E concordar no que colocar e não colocar [no artigo]”, ajuda Luísa. Mas conseguem ver vantagens, também, nesta forma de trabalhar: “assim a escrita é mais coletiva. Há alguns detalhes que eu não vejo e que ela se calhar vê, e vice-versa”, diz Beatriz. E há a questão dos “pontos de vista diferentes”, refere ainda Sara.

Fazer os Alunos “Sentirem-se Parte da Sociedade”

Em Albergaria-a-Velha, outra conversa em grupo, desta vez com os quatro professores envolvidos no jornal impresso *Escrita Irrequieta*, do Agrupamento de Escolas de Branca, revela que o adjetivo, no nome, não é um acaso. Nota-se um certo desassossego nos pensamentos e nas reflexões da equipa, uma disponibilidade para adaptar, encontrar novos caminhos, mudar. As próprias entrevistas que realizámos aos alunos e alunas envolvidos no projeto, na biblioteca da escola, são escutadas por alguns dos docentes, discretamente, à distância, para tentarem compreender o sentimento dos alunos que participam no jornal, os pontos que resultam e aqueles que poderão ser melhorados. Em mente, estes professores parecem ter sempre a formação de cidadãos irrequietos e não apenas de alunos.

Dora Gomes, professora de Português e adjunta da diretora da escola, afirma que

eu acho que a experiência deles aqui [no jornal] é uma mais-valia, sobretudo porque eles estão a tomar consciência de que “eu sou um ser pensante”, “eu sou capaz de fazer” e acho que falta dar-lhes aqui o “sou capaz de alterar”.

Retira a última conclusão do que conseguiu ouvir da nossa conversa com os alunos e põe-se logo a pensar como pode trabalhar esse ponto com eles. João Paulo Lourenço, responsável pela fundação do *Escrita Irrequieta*, há mais de 20 anos, julga que outro ponto positivo do jornal é a capacidade que o trabalho desenvolvido tem de “pôr os alunos a olhar para além das paredes da escola”. Professor de História, habituado a levar notícias para a sala de aula, acha que o meio de comunicação escolar tem o

poder de fazer chegar “a atualidade, o mundo real” à vida dos alunos (Figura 21 e Figura 22). “E também é muito importante eles perceberem e poderem verificar que o trabalho individual deles serve para o coletivo”, acrescenta Rui Henriques. Este professor de Educação Visual, responsável pela imagem gráfica do jornal, realça a importância deste ponto por julgar que, em sala de aula, ao fazerem trabalhos de grupo, os alunos não são capazes de se aperceber dessa dinâmica, que vê como fundamental para a aprendizagem da participação democrática – “pensam que uma coisa sou eu, outra coisa, que está lá fora, é a sociedade”.

Cristina Silva, professora bibliotecária, inventa uma palavra para reforçar a ideia do colega: “no jornal, a aprendizagem que fazem é *descolarizada*. *Descolariza-se* e eles sentem-se membros da sociedade”. A professora esmiúça o que quer dizer: “o trabalho de grupo em sala de aula é muito escolarizado e essas competências da cidadania às vezes ficam um bocadinho esquecidas”.

Nas entrevistas que realizámos, outros professores focaram esta questão. Vítor Diegues, da *Rádio Vale do Tamel*, vê a participação nos órgãos de comunicação escolares como algo que permite aos alunos “inverter um bocadinho a condição de receptores de informação na sala de aula” e torná-los em agentes. Uma das mais-valias que destaca dessa inversão de papel é ao nível do desenvolvimento da autonomia. Jorge Dias, o diretor da escola do Freixo que é entusiasta do jornal que tem no seu estabelecimento de ensino, o *Comunica*, é de opinião que as escolas podem e devem implementar atividades como as dos *media* escolares: “as aprendizagens não devem estar limitadas apenas à sala de aula e ao desenvolvimento do currículo específico de cada uma das disciplinas”. Sem pôr estas em causa, defende que é importante “criar oportunidades para os alunos experimentarem e identificarem a sua zona de conforto ou, por outras palavras, experimentarem as suas motivações”, algo em que

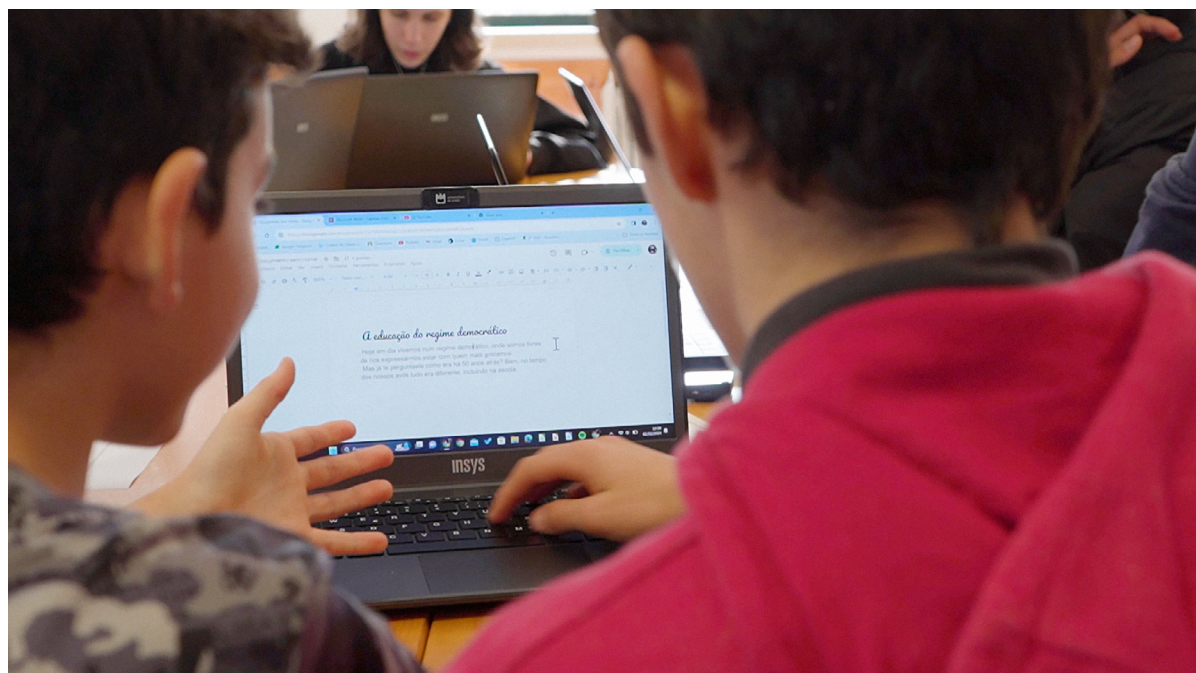


Figura 21
Alunos colaboradores
do *Escrita Irrequieta*
trabalham num texto
para o jornal.
Créditos. Daniel Brandão



Figura 22
Alunos colaboradores
a trabalhar no *Escrita
Irrequieta*.
Créditos. Daniel Brandão

julga os *media* escolares poderem desempenhar um papel importante. Vítor Diegues considera-os de uma importância tal que diz mesmo: “projetos como este deviam ser quase uma disciplina obrigatória”. Para Rosário Antunes, professora da Secundária Francisco Franco, “tudo tinha que ser revisto, mas de fundo”. Avança com outra ideia:

será que todas as disciplinas que todos os cursos têm são fundamentais? Será que não se podia deixar algumas obrigatórias, mas depois [haver] outras em que eles pudessem escolher, e fazerem eles próprios o seu currículo e depois então tentar conciliar melhor com as atividades extracurriculares?

Nestas, considera, “eles escolhem pelo que gostam, pelo que lhes interessa. E é, portanto, normal que até seja uma aprendizagem mais fácil, e se calhar até mais profunda, numa atividade extracurricular do que exatamente dentro da sala de aula”.

Sobre o que distancia o Clube de Informação e Jornalismo e a sala de aula, não são apenas professores e diretores a encontrar diferenças e mais-valias. Aliás, Ana Beatriz e Catarina, do *Se Bem Nos Lembramos*, já o tinham feito. Aqui, na Escola de Branca e no *Escrita Irrequieta*, a aluna Inês Azevedo, 13 anos, destaca outro aspeto, neste âmbito: “podemos, tipo, dar asas à nossa imaginação, podemos criar coisas novas e é diferente do que numa disciplina, onde já temos um programa pré-definido”.

Por acaso, o tema em que estão a trabalhar para o jornal neste momento – o período antes do 25 de Abril – foi “puxado” pelos professores, mas já houve vezes em que os alunos foram ouvidos também nessa escolha. E, outras vezes ainda, não houve tema a orientar os números (Figura 23). “Quando não há um guia, há uma certa dificuldade [em saber sobre o que escrever], pode ser muito aleatório”, opina Letícia Vilar, 15 anos, como quem pede aos professores uma certa orientação para avançar. Conta



Figura 23
Várias páginas de edições do *Escrita Irrequieta* numa exposição em Albergaria-a-Velha. Créditos. Daniel Brandão

que, numa dessas vezes sem tema, estava a ver as notícias no Google *feed* quando se deparou com uma celebridade que tinha sido cancelada e pensou: “nossa, mais uma! Talvez seja uma boa ideia para escrever no jornal”. Avançou.

Escrever era algo que Gabriel Antão, 13 anos, via como um “fardo” quando começou no *Escrita Irrequieta* (é o aluno que está lá há mais tempo, entrou no 6.º ano e está hoje no 9.º). A sua primeira colaboração com o jornal foi através do desenho — “sobre maus tratos a animais”, recorda-se ainda. Mas, entretanto, as coisas mudaram: “se for um tema que eu realmente goste, num momento estou a começar a história e num piscar de olhos já tenho a página feita”. Matilde Neves, 13 anos, nunca se imaginou num jornal — “sou mais uma pessoa de escrever histórias, contos, não sou muito de escrever reportagens e cenas assim” —, mas o professor João Paulo deu-lhe um papel sobre um tema para ela pesquisar e escrever um artigo para o jornal e Matilde acedeu. Agora diz que “foi divertido”. Matilde Oliveira, 14 anos, fala, tal como Gabriel, da sensação boa que tem quando “as palavras saem naturalmente”. Está a escrever um artigo sobre as mulheres no Estado Novo e surpreendeu-se ao descobrir que “elas não podiam sair do país sem autorização do pai, irmão ou marido”. O tema parece tê-la tocado. Expressa opinião sobre a condição das mulheres na sociedade — “acho que têm que impor o seu papel, lutar mais pelos seus direitos, como a Malala” — e, para Geografia, já escreveu um texto sobre desigualdade de género, que gostaria de ver também publicado no *Escrita Irrequieta*. Já Cláudio Santos, 13 anos, escreveu sobre a Primavera Marcelista e a experiência foi tão gratificante que, por duas vezes, nos diz “arrependo-me muito de não ter entrado antes [para o jornal]”. Explica que gosta “de fazer pesquisas, principalmente da parte em que encontro o que quero” e não esconde que, quando abre o jornal, fica “orgulhoso e feliz do trabalho que fiz porque está a ser reconhecido”. Há quem partilhe a alegria de mostrar o que criou mesmo antes de ver o texto publicado: “eu às vezes mostro à minha mãe

— ‘olha, mãe, o que eu escrevi!’ — e ela às vezes ajuda-me até a aperfeiçoar e depois é que mando para o professor”, conta Maria João Amaral, 13 anos. Ao lado dela, Lara Marques, 13 anos, toca num ponto que, de uma forma ou outra, todos os alunos acabam por referir: “aprendemos mais informação, aprofundamos os nossos conhecimentos”. Duarte Montes, 13 anos, sintetiza o que ganha em duas palavras: “cultura geral”. Afonso Cabral, 13 anos, anui: “por exemplo, eu estava a fazer o trabalho com o Duarte ‘Do Escudo ao Euro’ e ainda agora acabei de descobrir um bocado sobre o que estou a fazer, algumas moedas que existiram em Portugal que eu desconhecia”. Ambos têm noção que o que aprendem ali lhes abre portas: “um dia se estiver a falar com alguém e falarem sobre isso, já vou saber”, sublinha Afonso. Ao que Duarte acrescenta: “já não vou ficar mais calado”.

Duarte parece valorizar, também, o desafiar dos preconceitos que o jornalismo lhe está a proporcionar:

nós às vezes quando vamos a um sítio [em reportagem] já temos uma ideia nossa de como é que é aquilo e de como é que lá se trabalha, mas quando saímos de lá, já temos outra perceção de como é que são as coisas lá nesse sítio.

Tiago Marques, 13 anos, recorda um caso concreto que ilustra o que o colega acaba de dizer e o impacto que teve nele próprio: “eu e mais dois colegas fomos à Unidade de Autismo cá da escola e ficámos a perceber mais como era. Os alunos, que nós considerávamos diferentes, percebemos que são exatamente iguais a nós”. “Foi algo que me marcou muito, fiquei a olhá-los de forma diferente”, frisa. Também a atitude mudou: “sempre que os vejo já os cumprimento. Agora, já sei que a Unidade de Autismo não é só para alunos que têm autismo, é para todos nós porque eles têm de ser integrados na comunidade”, remata.

Será por falas como estas, do Afonso, do Duarte e do Tiago, que Luísa Gonçalves (Figura 24) acredita convictamente que o contacto com o jornalismo “é uma boa aposta para trabalhar as competências deste mundo tão exigente”. Vê nos jornais escolares uma excelente forma de valorizar “a parte humana, a parte da democracia que está em perigo, de evitarmos o discurso de ódio, de termos maior empatia”. Um papel do qual, julga, a “escola não se pode demitir”.

Quem ouve falar Tiago sobre o que significa ser jornalista fica impressionado com palavras tão certas. Diz, de forma quase poética, este aluno do 9.º ano que ser jornalista

não é só escrever, ser jornalista é atirar-se à causa, é como se fosse uma vida, porque nós temos as nossas vidas sociais, a nossa vida familiar, só que depois temos a vida de jornalista, que é como se fosse a nossa segunda vida, porque é uma vida completamente diferente, em que ou se é jornalista ou se não é, porque não se pode ser um intermédio. Porque se nós queremos ir visitar um local temos que conseguir adaptar-nos (...) e temos de saber aprender, saber ouvir essencialmente.



Figura 24

Luísa Gonçalves,
coordenadora do *Público
na Escola*, em entrevista
para o documentário
“Media Escolares: Vozes
em Ação”.

Créditos. Daniel Brandão

Serão, ainda, testemunhos como os deste aluno de 9.º ano que levam Bárbara Simões (Figura 25) a dizer que muitas vezes se emociona quando ouve os jovens repórteres a falar dos jornais, nomeadamente na entrega dos prémios do Concurso Nacional de Jornais Escolares ou no Encontro Nacional de Jovens Jornalistas que a Direção-Geral da Educação tem organizado em parceria com o *PnE*: “a maneira como eles falam dos jornais, não estão a falar de uma coisa qualquer. Percebe-se que é genuíno, é sentido e que há ali um grande envolvimento”.

A conversa com alguns dos 16 alunos que integram o Clube de Informação e Jornalismo da Escola de Branca e trabalham para o *Escrita Irrequieta* flui e dificilmente deixa transparecer constrangimentos no método de trabalho. Porém, o professor José Paulo Lourenço admite que, este ano, a organização da equipa não está a ser fácil – “os horários dos alunos são muito compactos para libertar manhãs e tardes e é difícil ter o grupo a trabalhar no seu todo”. Para superar a dificuldade usam “muito o mail, os intervalos, os corredores e temos a plataforma – o Classroom – onde podemos fazer reuniões online”, prossegue. Cristina Silva acha que este constrangimento “se virou a favor das competências”. Para ela, a “conversa informal de corredor, de intervalo” levou a que os estudantes tivessem que desenvolver uma autonomia de trabalho. E não só. A docente acrescenta a mesma ideia que a aluna Catarina, do *Se Bem Nos Lembramos*, já tinha transmitido: “se estamos presencialmente muito tempo com eles, nós, professores, que temos estes vícios e estas manias, muito provavelmente estávamos a intrometer-nos no trabalho deles”.

Do lado dos alunos há uma certeza, bem transmitida por Gabrielly Costa, 14 anos: “o nosso papel é importante porque dá continuidade ao jornal”. A aluna sente que faz parte e que o seu papel conta. Sente também que “momentos em que somos interrogados, nos perguntam o que queremos, o que fazemos, são importantes para nós. Trazem-nos muita experiência e fazem-nos crescer mais”, observa ainda.



Não Existe? Cria-se!

Mariana Alves, 16 anos, não desperdiçou a experiência que acumulou no *Escrita Irrequieta* ao longo de cinco anos – entrou para o Clube de Informação e Jornalismo no 5.º e ficou até ao 9.º ano, quando teve de mudar de escola. Aí, deu “continuidade ao jornal”, como dizia Gabrielly, mas de uma maneira diferente. Ao saber que não existia nenhum órgão de comunicação na escola nova (o Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha), decidiu criar um jornal de raiz, juntamente com a colega Inês Saraiva, que também tinha estado com ela na escola anterior e no *Escrita Irrequieta*. Nascia, assim, o *Sinopse*⁹, fruto das vivências anteriores de duas alunas que, confirmando a ideia da professora Dora Gomes, mostram que “são capazes de fazer” e, neste caso, até de “alterar” a realidade.

O processo de gestação do jornal exigiu muita força de vontade a Mariana e Inês. Obrigou-as a realizar uma série de contactos com professores e a apresentar um projeto ao diretor da escola. Nesse caminho, cruzaram-se com o responsável pelo curso de Multimédia, um encontro que determinou que o *Sinopse* visse a luz online: havendo tal valência, “não fazia sentido estar a gastar papel”, diz Mariana. Para além dela e de Inês, hoje o projeto envolve só alunos de Multimédia – foram eles que criaram o site, além de que “gerem toda a parte de publicação das notícias e da edição”, explica.

Figura 25
Bárbara Simões,
coordenadora do *Público na Escola*, na entrega de
prémios do Concurso
Nacional de Jornais
Escolares do *Público na Escola*, Lisboa, 2023.
Créditos. Daniel Brandão

⁹ <https://sinopseaeaav.pt> https://sinopseaeaav.pt/index.html#section_1.

As entrevistas e a escrita estão a cargo das ex-jornalistas do *Escrita Irrequieta*, que tentaram implementar a mesma filosofia que tanto lhes agradava no jornal da Escola de Branca: “para além de relatar os acontecimentos da escola, também dava uma vertente da sociedade, do que é que acontecia no mundo, mas de modo a interessar mais aos jovens”. No novo projeto, Mariana conta que os temas a que dão prioridade são tecnologia, saúde e educação.

Sendo, sobretudo, um projeto de alunos, têm o professor responsável do curso de Multimédia a dar-lhes “todo o suporte” e Mariana conta que algumas notícias têm que passar pela análise e aprovação da Direção antes de serem publicadas. A ideia inicial delas era criar um clube de jornalismo na nova escola, para que outros estudantes se pudessem juntar. Não conseguiram, porque “não havia professores dispostos a ter um tempo para [criar] o clube e trazer mais pessoas”. Esperam que mais alunos se juntem ao *Sinopse* em breve, quando o projeto for mais divulgado. Açam ser cedo para isso – “ainda está numa fase de construção”, justifica Mariana. Mas o plano está no horizonte. Até porque, como leitora, precisa de mais colegas a trabalhar para ter o que mais valoriza, a esse nível, num jornal escolar: “é bom ter a perspetiva de jovens como nós, e ver que há coisas que talvez sejam ditas de uma forma por adultos, mas que nós também temos uma visão acerca disso”.

Para Dora Gomes, diretora da Escola de Branca, é hora de “acreditar que estes miúdos têm mais para dar do que aquilo que muitas vezes passa na sociedade – que ‘esta geração não vale nada’, que ‘eles não têm nada’. Têm, têm, têm muito a dar, eles precisam de orientação”.

As entrevistas foram realizadas entre junho de 2023 e maio de 2024.

Como melhorar um jornal escolar?

Colocámos esta pergunta às coordenadoras do *Público na Escola (PnE)*. Para Bárbara Simões falta jornalismo, para Luísa Gonçalves é necessário um maior envolvimento dos alunos.

Quem está a trabalhar no seu agrupamento, na sua escola, na sua turma tem, por vezes, dificuldade em compreender como pode melhorar o jornal escolar. Pelo projeto que coordenam a nível nacional – o *PnE* –, Bárbara Simões e Luísa Gonçalves são, talvez, quem tem hoje uma melhor visão de conjunto, a este nível, em Portugal. Quisemos, por isso, saber o que veem elas, a partir do lugar que ocupam, que possa dar pistas a quem está no terreno.

“Um jornal, como nós o entendemos, tem que ter jornalismo”

Quando se pergunta a Bárbara Simões o que falta nos jornais escolares, a resposta surge sem hesitações: “aquilo que mais falta nos jornais [escolares] é jornalismo”. E vinca: “um jornal, como nós o entendemos, tem que ter jornalismo”, ou seja, apostar na diversidade de géneros, cobrir assuntos atuais e da atualidade, trabalhar no apuramento rigoroso de factos, na verificação da informação e em conteúdos que possam interessar e despertar a curiosidade do público. A jornalista afirma mesmo ser esta uma fatia importante do trabalho que desenvolvem no *PnE*: “tentar levá-los, captá-los, cativá-los, um bocadinho mais para o mundo do jornalismo”. Para isso, julga que é necessário haver mais formação de professores a este nível.

“Trazer a voz dos outros para o jornal também é dar voz aos alunos”

Bárbara observa uma certa confusão sobre o que, no jornalismo escolar, significa “dar voz aos alunos”. “Há muito esta ideia de que dar voz aos alunos é os alunos exprimirem-se”. A jornalista frisa que “o dar voz aos alunos no jornal não é um registo quase confessional”. Até pode haver espaço para isso, concede, mas em secções bem definidas – “como temos no jornal, desde as Cartas ao Diretor até aos textos de opinião”. Escrever no jornal é, para Bárbara, algo bem diferente do “apetece-me muito escrever, sento-me aqui ao computador e escrevo”, comenta-nos, em tom descontraído, na entrevista que nos dá, em Coimbra, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Escrever no jornal significa, para ela – que se expressa com uma grande facilidade de articulação de ideias – algo inseparável do jornalismo: “ter aspas”, “ter entusiasmo em relação a essa coisa que é dar voz aos outros”. Deixa, portanto, um alerta: os alunos “têm de ouvir pessoas, têm de citar pessoas, não podem assumir os assuntos. Um jornalista não faz isso”, adverte. Num jornal, dar voz aos alunos é, ainda, do ponto de vista de Bárbara, outra coisa: “é eles terem tido uma palavra a dizer na escolha do nome do jornal, no logo que foi escolhido, no tema principal na edição seguinte, em quem vai ser entrevistado para o jornal”. E recorda: “no jornalismo, a nossa voz está na forma como vamos primeiro olhar para os outros, à procura deles, escolher aqueles com quem vamos falar e, depois, o que vamos fazer com aquilo que nos dizem”. Bárbara soma ainda uma quarta vertente ao que é isso de dar voz aos alunos – “como é que eu defendo a minha ideia para tema principal do jornal? Como é que eu argumento?”.

“Falta diversidade de géneros jornalísticos”

Luísa Gonçalves toca num aspeto que não está desligado dos dois anteriores. Nota haver pouca variedade de géneros jornalísticos nos jornais escolares: “a notícia é o género mais frequente, há algumas entrevistas e muito pouca reportagem”, relata. E chama a atenção para o facto de, com frequência, a este problema acrescer outro: as notícias não são realmente notícias “porque, logo à partida, não dizem nada de novo” e o que, por vezes, é identificado como reportagem tem pouco desse género jornalístico. Luísa é, ainda, de opinião que “os alunos não estão habituados a contactar com os *media* tradicionais”, um contacto que vê como fundamental quando se trata de avançar com um jornal escolar.

“Há pouco contacto com a realidade mais alargada”

Outro ponto em que Luísa Gonçalves considera que os jornais escolares têm muita margem para evoluir é na ligação com o entorno. Como professora, que também é, julga que “a sociedade civil e a escola têm que ser uma coisa de muita proximidade”. Não sente que isso aconteça. Na maior parte dos casos, nota “uma grande dificuldade em sair da escola”. Bárbara Simões considera que uma forma de resolver este problema seria entender os jornais escolares como uma atividade extracurricular das que existem fora da escola: “a família, hoje em dia, leva os filhos e as filhas a tudo – às atividades a seguir às aulas durante a semana, ou ao fim de semana. Se calhar o pai ou a mãe também podem levar o repórter ao trabalho que tem de fazer para o jornal”. Dá o exemplo do que aconteceu durante a pandemia, em que viu muitos familiares a contribuir para os trabalhos realizados nos jornais das escolas.

TRUE: uma plataforma para tornar tudo mais simples

O *Público na Escola (PnE)* tem disponível, desde o ano letivo 2023/24, uma plataforma online para a criação de jornais escolares digitais, que qualquer escola pode usar gratuitamente. Chama-se TRUE (por contraponho a *fake*), e resulta de um consórcio entre o jornal *Público*, a Universidade de Aveiro e a MOG (empresa de tecnologia digital).

A TRUE — explica Bárbara Simões, uma das coordenadoras do *PnE*, em conjunto com Luísa Gonçalves — surgiu para responder a uma pergunta que lhes era feita por muitas escolas e professores: “gostava muito de fazer um jornal escolar? Como é que faço?”.

A plataforma do *PnE* facilita o processo. “Tem lá tudo o que é preciso para começar”, garante Bárbara. A única condição é que o jornal escolar já exista ou, pelo menos, já tenha um nome. Com esse passo dado, só é preciso que a pessoa responsável pelo jornal escolar (se for um aluno menor de 18 anos, a operacionalização do registo tem de ser feita por um professor ou um elemento da comunidade) submeta um email — no campo disponível para o efeito no site do *PnE* (<https://www.publico.pt/publico-na-escola>) — e aguarde um contacto do jornal *Público* para dar início ao processo. Estabelecido esse contacto inicial e criado o url do jornal, o trabalho fica totalmente do lado da equipa do jornal escolar: “não temos qualquer interferência, não sabemos quem são os elementos da equipa, nada!”, esclarece Bárbara.

A partir desse momento, a redação escolar pode entrar em campo, começar a criar conteúdos para o jornal e, ao mesmo tempo, compreender melhor como os jornalistas trabalham em redações profissionais. Bárbara explica que, “tal como acontece em qualquer jornal, há diferentes níveis de acesso [ao *backoffice* do site do jornal]. Há um autor que chega, escreve e diz ‘está pronto’; há o editor e há o administrador, que é quem gere os acessos”. Só o editor e o administrador (independentemente de estes cargos serem assumidos por professores ou alunos) podem publicar conteúdos. Os autores dos textos não têm essa autorização, mas podem fazer tudo o resto. Ou seja, entrar no *backoffice*, escrever o texto, carregar imagens ou vídeos, fazer fotogalerias, entre outras opções, como ter acesso a uma pré-visualização do artigo. No final, basta assinalar que o trabalho está pronto a ser editado.

Para se chegar a esse ponto, porém, a plataforma exige que uma série de elementos estejam preenchidos. Como, aliás, acontece no jornalismo profissional. É preciso, por exemplo, que o artigo tenha um título — “não se enviam trabalhos sem título, nem que seja o pior do mundo e caia logo, tem de haver o esforço de o tentar fazer”, explica Bárbara — e que haja uma legenda da fotografia — “a legenda é informação muito importante e muito subvalorizada”, além de que essa obrigatoriedade torna “mais difícil ir descarregar uma foto que ninguém sabe de quem é nem o que é”, acrescenta ainda a coordenadora do *PnE*.

A plataforma TRUE, nota ainda Bárbara, retira trabalho aos coordenadores do jornal, que passam a encontrar ali todos os elementos do artigo e ficam dispensados de perder tempo a passar os textos enviados pelos colaboradores por email para um software de edição.

Uma curiosidade que esta coordenadora do *PnE* tem notado é que, sendo o TRUE uma plataforma destinada a criar jornais digitais, se verifica “um grande apego à lógica da publicação e da edição convencional”. Com isto, Bárbara quer dizer que a maioria dos jornais escolares não vai publicando notícias. Opta, em vez disso, por escolher um dia (por exemplo o primeiro ou o último do mês, ou do período escolar) para acrescentar todos os conteúdos novos. “Como se fosse uma edição em PDF”, sintetiza.

Nada impede que um agrupamento ou uma escola tenha mais do que um jornal no TRUE. Também não há imposições sobre o tipo de jornal a criar: “não tem de ser aquele jornal generalista, muito completo, pode ser uma coisa muito diferente e pode, no mês seguinte, ser outra”, elucida ainda. Da mesma forma, acrescenta, “pode ser um jornal de turma, pode ser um jornal de agrupamento, pode ser um jornal a propósito de um acontecimento, por exemplo o 25 de Abril”.

O TRUE oferece ainda aos utilizadores a possibilidade de usarem a plataforma para fazer pesquisas sobre os assuntos em que estão a trabalhar no site do jornal *Público*. A plataforma permite também às equipas dos jornais escolares criarem as secções que entenderem no seu jornal escolar, dar-lhes nome e decidir quais querem que estejam visíveis no site. Além de que podem mudar as cores deste.

De alunos para alunos

O que têm jovens jornalistas de meios de comunicação escolares a dizer a colegas para os incentivarem a participar em projetos deste tipo? E que conselhos lhes deixam?

A mensagem que Rayner Vila transmite a outros alunos está muito alinhada com a expressão “não há nada a perder”. A quem o possa ouvir (ou ler), este estudante e repórter da *TV na Maior* diz que “se atrevam a fazer coisas”. “Se não gostam, é uma experiência que levam para a vida, mas se gostam podem descobrir algo novo, uma coisa que não sabiam que gostavam”, prossegue. Já Mariana Meixedo, também da Escola de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo, aposta nos adjetivos para persuadir mais jovens a envolverem-se no mundo do jornalismo escolar. A repórter e apresentadora da *TV na Maior* fala diretamente para aqueles que a queiram escutar: “venham e sintam porque é incrível”, “Isto é uma experiência mesmo única e apenas sente quem está deste lado”. Acena ainda com o lado de possíveis descobertas marcantes para a vida de cada um: “é uma ótima oportunidade para experimentarem e conhecerem melhor uma paixão que podem vir a ter. É um projeto bastante educativo e que abre portas para um caminho que podíamos desconhecer”.

Letícia Vilar, do Agrupamento de Escolas de Branca e do jornal *Escrita Irrequieta*, procura despertar o interesse de futuros jornalistas com uma lista de benefícios que terão se derem o passo: “vão ganhar experiências para a vida. Por exemplo, graças ao jornal, eu ganhei mais liberdade para começar a escrever melhor, já posso escrever mais, já sei mais ou menos como procurar um tema e encontrar referências boas e confiáveis. E também tive oportunidade de melhorar as minhas habilidades de falar em público ou em frente das câmaras”.

Já o testemunho de Mariana Alves, que pertenceu ao *Escrita Irrequieta* e fundou um jornal – o *Sinopse* – noutra escola de Albergaria-a-Velha, para onde se mudou depois, parece tomar a fôrma de aviso. Como quem diz, nem tudo é fácil, mas no final vale a pena. O conselho dela, mais dirigido a alunos que pensem criar um jornal de raiz é este: “têm de ter mesmo vontade de continuar, principalmente no início, que é quando há mais obstáculos à construção [de um médium escolar] – têm de passar pela direção, têm de pensar no nome, no logótipo, no tipo de notícias que querem fazer, têm todo um trabalho antes de começarem a fazer mesmo só as notícias”. Deixa, ainda, um conjunto de dicas: “é [importante] organizar muito bem o tempo e as ideias e ter uma visão ampla do que pode agradar mais aos leitores, porque estamos a fazer um trabalho para as pessoas verem”.

As mensagens deixadas pelo grupo de amigas que entrevistámos do jornal *Margem Certa*, de Almada, vão um pouco na mesma linha da última dica de Mariana Alves. Luísa Gonçalves e Mariana Guerreiro focam igualmente a questão de “procurar temas que façam as pessoas querer ler” e ficarem “mais curiosos de saber”. Beatriz Martins acrescenta a importância de escolher temas “que sejam fáceis de escrever também”. Sara Fraquinéu considera que “ter um conceito para o jornal”, no sentido de fazer edições temáticas, pode facilitar o trabalho.

A partir da Ilha Terceira, Ana Borges, do *Se Bem Nos Lembramos*, recorda — especialmente a alunos decididos a fundar um meio escolar — que pedir apoio à direção é sempre uma boa ideia. Conta que, no caso do jornal da escola dela, este órgão lhes deu “o orçamento para as fotocópias para podermos disponibilizar [o jornal] não só digitalmente, mas também em papel, e para podermos fazer posters para colocar no corredor”.

Haja vontade! — Conselhos para começar, recomeçar, melhorar

A opinião geral de quem está envolvido em *media* escolares é a de que cada caso é um caso. Não havendo receitas, há dicas que podem ser úteis. Eis quatro partilhadas por quem sabe do que fala.

Ler, escrever, observar, perguntar

A leitura e a escrita podem ser aliadas do processo. Cláudia Santos revela que houve dois documentos cuja leitura a inspirou a projetar a *TV na Maior*: o Referencial de Educação para os *Media* (<https://www.dge.mec.pt/noticias/versao-atualizada-do-referencial-de-educacao-para-os-media>) e o Referencial Aprender com a Biblioteca Escolar (<https://www.rbe.mec.pt/np4/AcBE.html>), recomendando a sua leitura. Vítor Diegues refere, também, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf), pela força que dá à criação de *media* escolares, ao realçar a importância da educação para os *media*. O professor responsável pela *Rádio Vale do Tamel* recomenda, ainda, usar a escrita como ferramenta para melhorar o funcionamento de meios de comunicação escolares: “há relatórios que temos que preencher trimestralmente e no final de cada ano letivo e vamos tentando fazer uma avaliação cuidada do trabalho que é feito e sugestões de melhoria”. Para elaborar estas últimas, tem o cuidado de pedir *feedback* a colegas e outros intervenientes na rádio. Vítor recomenda, ainda, a escrita de um regulamento do meio de comunicação escolar. Ele fez isso para a rádio: “é uma forma de balizar toda a dinâmica de trabalho”. Nele define, por exemplo, os objetivos do projeto, o horário de funcionamento, as tarefas da responsabilidade de cada grupo.

António Paiva, do *Comunica*, aconselha ainda quem pensa lançar-se em projetos destes a espreitar o que fazem outras escolas, falar com os seus responsáveis e tirar ideias. Ele está disponível para ajudar e esta prática parece ser frequente. Paulo Martins, da *Rádio Impacto*, conta que já tem ido a outras escolas dar formação ou ajudar a compreender os equipamentos e materiais necessários para fazer uma rádio escolar.

Planear, planejar, planejar

Há uma série de questões que podem ajudar no momento de traçar um plano de ação. Luísa Gonçalves, do *Público na Escola (PnE)*, enumera algumas: “o que queremos com esta publicação?”, “quem vai ser o público-alvo?”, “quais os temas que vamos tratar?”, “que secções vamos ter?”, “que periodicidade?”, “qual o melhor meio para divulgar o jornal?”. A coordenadora do *PnE* incentiva a que se envolvam logo os alunos na resposta a estas questões (no caso de o processo ser iniciado por professores) e se tenha em conta os recursos materiais e humanos disponíveis. Recomenda, ainda, cautela na decisão sobre os momentos de publicação, aconselhando a que estes não coincidam com alturas em que tanto alunos como professores costumam estar mais sobrecarregados com tarefas escolares. Para envolver os alunos, Vítor Diegues acha que uma estratégia boa é lançar um concurso na escola para eleger o nome e o logótipo do meio de comunicação. Fazê-lo, nota, é já uma boa forma de divulgar o projeto que vai nascer. O professor julga importante, ainda, haver um espaço físico no estabelecimento de ensino para o meio funcionar, especialmente se for uma rádio: “torna-se mais visível à comunidade, é muito mais fácil até os alunos virem para o estúdio e sentirem-se mais responsáveis”. Outra dica que deixa é que se apresente o projeto ao Orçamento Participativo das Escolas para se conseguir algum financiamento. Ainda no âmbito do planeamento e da organização, José António Gouveia, da *Newsletter O Lyceu*, sublinha a vantagem de trabalhar com prazos, obriga “a ter as coisas prontas”, pensa.

Criar uma equipa

Cláudia Santos, da *TV na Maior*, põe “ter uma equipa coesa, parceiros com os mesmos objetivos” no topo da lista de conselhos para criar um meio de comunicação escolar. Isso, “acima de tudo”, destaca. Cristina Rodrigues, do *Comunica*, reforça a ideia: “o trabalho de equipa dá-nos força uns aos outros. A ideia de um, depois é enriquecida pelo outro. Duas ou três cabeças a pensar é sempre mais frutuoso”. Vítor Diegues soma outro argumento para realçar a importância de “criar um núcleo duro de professores”: tendo em conta a instabilidade profissional de muitos docentes, que andam de escola em escola, o coordenador da *Rádio Vale do Tamel* recorda a necessidade de haver “um ou outro elemento que possa assegurar a transição na eventualidade de um professor sair da escola”. Bárbara Simões, do *PnE*, recorda a importância de acautelar a continuidade, também, da parte dos alunos: “tentem não juntar na equipa mais ligada ao jornal alunos do último ano do ciclo, ou do último ano do secundário, porque depois esses alunos vão-se embora, e [o jornal] está sempre a retomar o ponto zero”. Para chamar alunos, Ana Beatriz, do *Se Bem Nos Lembramos*, conta uma das técnicas que utilizam: no início do ano, “passa sempre uma circular para inscrição” no jornal pelas turmas. Além disso, têm posters afixados nas paredes da escola.

Estabelecer parcerias

A este nível, há duas estruturas vistas pela maioria como fundamentais: a biblioteca escolar (ver texto principal) e a direção da escola ou agrupamento. Esta última pode dar uma ajuda, por exemplo, ao nível da atribuição de tempos para alguns professores dedicarem ao médium escolar ou do financiamento. Dora Gomes, do *Escrita Irrequieta*, afirma que a direção da escola não tem meios para pagar a impressão do jornal em papel, mas faz o trabalho de angariar patrocínios para que tal seja possível, contando com o apoio de juntas de freguesia e da câmara municipal. Luís Maia, do jornal *Margem Certa*, congratula-se também com o apoio da direção. Mas recorda que parceria não deve ser sinónimo de qualquer forma de controlo ou interferência nos conteúdos a publicar: “que esse apoio seja essencialmente institucional e que não se vá além disso”, pede. Mas há outras parcerias que se podem estabelecer: Dora Gomes incentiva, por exemplo, a que se procure ajuda no Departamento de Línguas: “cativem os colegas de Português, porque vai ao encontro dos programas e dos conteúdos”.

“Não pares de acreditar”

O tema “Don’t Stop Believin’” (Não Pares de Acreditar), da banda rock Journey, tornou-se num símbolo de perseverança. A mensagem que transmite deve estar bem presente na cabeça de quem se envolve em meios de comunicação escolares.

Tal como é raro encontrar um entrevistado que não fale entusiasticamente do jornal, rádio ou televisão em que está envolvido, também é difícil encontrar alguém que não fale em desafios, obstáculos, adversidades, seja no processo de criação ou de manutenção de *media* escolares. É, no entanto, curioso notar que as dificuldades não parecem beliscar o entusiasmo. Às vezes, parecem até aumentá-lo.

A queixa mais comum, e quase transversal a todos os projetos, relaciona-se com o tempo – a falta dele, sobretudo. A vários níveis, por diferentes razões. Quase todos os docentes ouvidos consideram escassas as horas de que dispõem para se dedicarem a *media* escolares. Vítor Diegues, por exemplo, classifica como “manifestamente pouco” os dois tempos que tem no horário para coordenar a *Rádio Vale do Tamel*. Outros docentes envolvidos em projetos deste género afirmam nem sequer terem horas canalizadas para este fim. Cristina

Silva pensa que só com um grande gosto por ensinar e estar com os alunos se consegue “cortar no descanso”, um preço quase sempre a pagar por esse envolvimento. Paulo Martins da *Rádio Impacto* não tem dúvidas de que os *media* escolares dependem sempre “muito da boa vontade, da disponibilidade dos professores”. Algo que nem todos estão dispostos ou conseguem dar. Outros dão, mas não do modo que gostariam. E aí entra a questão da dificuldade – sentida em várias latitudes – de conjugar horários entre professores e alunos, de professores entre si, de alunos entre si. “Devia haver um tempo específico no horário dos alunos para pertencerem a clubes”, opina António Paiva do *Comunica*, em Freixo. Em Albergaria-a-Velha, o coordenador do *Escrita Irrequieta* fala de horários de alunos “muito compactos, para libertar manhãs e tardes” e que se constituem como barreiras “para termos o grupo a trabalhar no seu todo”. Faltam oportunidades “para trabalharmos mais de perto com eles [alunos] fora da sala de aula” e para lhes permitir “acompanhar o *making off*” da revista, lamenta Abel no Funchal.

As queixas tocam muitas vezes uma dimensão mais macro, mais a nível político, porque se ligam com a organização do sistema escolar. “Compartimenta muito os saberes, mas também os espaços e os horários dos alunos”, opina Cláudia Santos, da *TV na Maior*, que reclama uma “maior flexibilidade curricular”, capaz de possibilitar às equipas trabalhar em conjunto e com mais qualidade. Colega de Cláudia, João Franco fala em tempos letivos excessivos, num sistema preso num “formato muito escolástico” e em alunos muito enredados a uma mentalidade de “estudar para o teste, debitar e esquecer no dia a seguir”. Vanda Gouveia, da *Newsletter O Lyceu*, acha que os professores estão “muito espartilhados pelo programa”. Um sentimento que ecoa também em Albergaria-a-Velha, nas palavras de Cristina Silva – sente que os professores estão hoje “mais fechados na sua sala de aula”, porque “sentem pressão, têm que cumprir currículo”.

A falta de equipamento é apontada como constrangimento, principalmente por quem está ligado a projetos de audiovisual. Mas não exclusivamente. Há coordenadores de jornais e alunos que sonham, mas não têm verbas disponíveis para vê-los impressos, mesmo considerando que teriam aí a chave para conseguir captar mais jovens para os projetos. Esta dificuldade de conquistar mais alunos é mencionada por muitos professores. “Há tanta, tanta oferta, que é muito difícil, principalmente os alunos, mas os professores também, concentrarem-se em tudo aquilo que gostariam”, constata Rosário Antunes, do *Leia FF*. João Franco, da *TV na Maior*, vê a dificuldade por outro prisma. Numa altura em que “cada vez mais os alunos têm uma relação muito passiva com a tecnologia, muito *scroll* infinito nas plataformas”, nota dificuldade em “trazê-los para uma área mais ativa, em que são eles os produtores, têm que se sentar e pensar no que vão produzir”.

Em menor número, há quem some à falta de tempo, ainda, a falta de espaço e se queixe também de falta de instalações para reunir uma equipa de trabalho. As dificuldades, porém, não ficam apenas no lado da organização e da produção. Manifestam-se também na fase final, quando o trabalho está feito e é altura de o divulgar, fazendo chegar ao público o resultado. Para Luís Maia, do jornal *Margem Certa*, “a parte da divulgação” é mesmo a mais complicada. Pensa que o estar em Almada, num grande centro urbano, não ajuda, dando o exemplo de um jornal escolar da Marinha Grande que publica um encarte num jornal regional e consegue, desse modo, alcançar muita gente. José António, da Escola Jaime Moniz assume a mesma dificuldade: “a divulgação sempre foi um problema para nós”. Confessa que não sabe se o jornal “é efetivamente lido”, apesar do esforço que fazem, sobretudo junto dos diretores de turma, para que o façam chegar a alunos e encarregados de educação. Quem consegue ter a perceção do alcance que o jornal tem, como António Paiva, do *Comunica*, refere, ainda, constrangimentos que não se circunscrevem à escola, mas que afetam os meios de comunicação de uma forma geral – “a fuga dos leitores, dos seguidores para outros meios”. É também isso que leva o professor a dizer que o trabalho nos *media* escolares “tem que ser feito não olhando aos resultados imediatos”. Deixa um conselho: “se der gozo a duas, três, quatro pessoas, andem para a frente. Esqueçam os sinais de que a coisa não está a correr como vocês gostariam. Mentalizem-se sempre que fazer melhor, fazer cada vez mais, procurar novas formas, novas fórmulas, é a saída, é a solução”.

Jornalismo escolar: ferramentas para a vida

O depoimento dos alunos ouvidos pelo projeto *bYou* deixa transparecer uma série de capacidades e competências que a participação em *media* escolares potencia, entre elas de literacia mediática.

Expressão

Desinibição
Capacidade de expressão oral e escrita
Capacidade de diálogo e comunicação
Enriquecimento vocabular
Facilidade de leitura
Capacidade de argumentação

Atenção

Capacidade de escuta
Capacidade de observação
Capacidade de concentração
Curiosidade
Pesquisa autónoma de informação
Formação de opinião

Segurança

Autoconfiança
Autoestima
Autonomia
Responsabilidade
Capacidade de decisão e de escolha
Espírito de iniciativa
Perseverança
Resolução de problemas

Organização

Capacidade de planeamento
Capacidade de trabalho em equipa
Capacidade de gestão do tempo

Criatividade

Pensamento criativo
Capacidade de procurar e encontrar consensos, alternativas, soluções

Cidadania

Interesse pela informação de atualidade
Envolvimento com questões sociais
Valorização do coletivo
Respeito por e valorização de diferentes opiniões
Empatia
Tolerância
Questionamento
Facilidade de comunicação intra e intergeracional
Espírito de iniciativa

Conhecimento

Literacia mediática
Literacia para as notícias
Pensamento reflexivo e crítico
Cultura geral
Pesquisa, análise e avaliação da informação
Seleção criteriosa de fontes
Conceitos, regras e ética do jornalismo
Direitos de autor
Uso responsável das redes sociais
Software e ferramentas de trabalho jornalístico

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto “bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: <https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020>.